

FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

**JAQUELINE PINHEIRO NEIVA**

ARTESÃS EMPREENDEDORAS DO VALE DO JEQUITINHONHA: impactos e  
desafios de empoderamento feminino e participação social em tempos de pandemia  
da covid-19

BELO HORIZONTE

2021

Jaqueline Pinheiro Neiva

ARTESÃS EMPREENDEDORAS DO VALE DO  
JEQUITINHONHA: impactos e desafios de  
empoderamento feminino e participação social  
em tempos de pandemia da covid-19

Dissertação apresentada ao curso Maestría,  
Estado, Gobierno y Políticas Públicas da  
Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais  
e Fundação Perseu Abramo, como parte dos  
requisitos necessários à obtenção do título de  
Magister em Estado, Gobierno y Políticas  
Públicas.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Faleiros Camargo Moreno

Belo Horizonte

2021

## Ficha catalográfica

NEIVA, Jaqueline Pinheiro.

Cidade: Belo Horizonte, MG. FLACSO/FPA, 2021.

Título da dissertação: Artesãs empreendedoras do Vale do Jequitinhonha: Impactos e desafios de empoderamento feminino e participação social em tempos de pandemia da covid-19./ Jaqueline Pinheiro Neiva.

Quantidade de folhas: 53

Dissertação (Magister en Estado Gobierno y Políticas Públicas), Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Fundação Perseu Abramo, Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Faleiros Camargo Moreno

Jaqueline Pinheiro Neiva

ARTESÃS EMPREENDEDORAS DO VALE DO JEQUITINHONHA: impactos e desafios do empoderamento feminino e participação social em tempos de pandemia da covid-19.

Dissertação apresentada ao curso Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas, Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Fundação Perseu Abramo, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Magister em Estado, Gobierno y Políticas Públicas.

Aprovada em 17 de setembro de 2021.

---

Profa. Dra. Renata Faleiros Camargo Moreno  
FLACSO Brasil/FPA

---

Profa. Ma. Táli Pires de Almeida

---

Profa. Dra. Maria da Conceição Dantas Moura

## **DEDICATÓRIA**

Quero dedicar esta monografia à minha orientadora Renata Moreno, cuja dedicação e paciência serviram como pilares de sustentação para a conclusão deste trabalho. Grata por tudo. Quero agradecer aos professores Marcio Pochmann, ex-presidente da Fundação Perseu Abramo e Marcelo Marzano coordenador do curso, por serem uma constante fonte de motivação e incentivo ao longo de todo o curso. Muito obrigada!

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela oportunidade da vida, e por me permitir a continuar vivendo, após dias difíceis e dolorosos que ainda tenho passado, com as sequelas da doença que tem levado muitas pessoas, a COVID-19, por sempre colocar pessoas maravilhosas em meu caminho, as quais me fazem acreditar em um mundo melhor e me encorajam a prosseguir. Obrigada por nunca soltar a minha mão e me guiar em todos os momentos.

Ao meu esposo Daniel Marcos de Jesus, pela sabedoria, paciência e por sempre me incentivar, a todo instante em todos os momentos.

Aos meus pais, Joaquim e Maria do Carmo, que nunca mediram esforços para me ensinar o caminho do bem, e sempre me apoiaram em todas as etapas da minha vida. Sem vocês, eu não chegaria até aqui. Muito obrigada por tudo! O amor que sinto por vocês é incondicional. À minha família, sinônimo de amor e união. Obrigada por acreditarem no meu sonho e sempre me motivarem a seguir em frente. É muito bom saber que posso contar com vocês em todos os momentos. Amo vocês!

## EPÍGRAFE

"A criação se manifesta com força e beleza pela habilidade das mãos e a pureza das intenções. Não é necessário ter um estilo, as formas surgem em combinações tão imprevisíveis que uma simples peça do cotidiano pode ganhar status de objeto de arte. O artesão compõe uma obra que desvenda (às vezes por mero acaso), a beleza que lhe vai na alma. Muitos materiais, muitas surpresas, muitas maneiras de expressar o seu jeito de ser e de fazer. Peças bonitas e úteis que trazem sua marca, oriundas de uma arte mágica, que nem sempre julga ter. O ceramista modela no torno ou na mão, mas a forma final pode ser alterada pelo próprio barro, que assume na secagem e na queima o que ele gostaria de ser."

Beth Coe Maeda

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CONEP – Conselho Estadual de Patrimônio Cultural

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

MG – Minas Gerais

OMS – Organização Mundial da Saúde

SOF – Sempreviva Organização Feminista

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vale do Jequitinhonha e suas microrregiões.....	20
Figura 2 - Municípios das microrregiões do Vale do Jequitinhonha.....	20
Figura 3 – Forno de Barranco em Turmalina.....	23
Figura 4 – Bonecas confeccionadas pelas artesãs de Campo Alegre, Turmalina – MG.....	24
Figura 5 – Objetos diversos expostos pelas artesãs de Campo Alegre, Turmalina – MG.....	25
Figura 6 – Painéis prontos para serem vendidos em Pasmândinho, Itinga.....	25
Figura 7 – Artesã fazendo acabamento em peça.....	26
Figura 8 – Cenário em Minas Gerais – Covid-19 Coronavírus.....	41
Figura 9 – Ranking das maiores economias, por produto interno bruto em dólares.....	43
Figura 10 - Evolução da taxa de desemprego.....	44

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade das entrevistadas.....	34
Gráfico 2 – Raça das entrevistadas.....	34
Gráfico 3 – Estado civil das artesãs do Vale do Jequitinhonha.....	35
Gráfico 4 - Comunidade/ povoado/município de residência das artesãs do Vale do Jequitinhonha.....	35
Gráfico 5 – Produtos de artesanato produzidos no Vale do Jequitinhonha.....	36
Gráfico 6 – Forma de trabalho das artesãs do Vale do Jequitinhonha.....	37
Gráfico 7 – Tempo gasto durante a prática artesanal.....	38
Gráfico 8 – Local de realização das vendas do artesanato.....	38
Gráfico 9 – Meios de obtenção de renda além do artesanato.....	39
Gráfico 10 – Impacto causada pela pandemia de Covid-19 no trabalho como artesã.....	47
Gráfico 11 – Estratégias para assegurar a renda durante a pandemia causada pela Covid-19.....	47
Gráfico 12 – Responsabilidade durante a pandemia.....	48
Gráfico 13 – Objetivos da participação em coletivos de artesãs ou movimentos sociais.....	49
Gráfico 14 – Desafios enfrentados pelas artesãs empreendedoras no Vale do Jequitinhonha.....	49

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>12</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>13</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 O VALE DO JEQUITINHONHA.....</b>	<b>18</b>
2.1 O artesanato do Vale do Jequitinhonha.....	21
2.2 A presença do empoderamento feminino no Vale do Jequitinhonha.....	26
2.3 Barreiras enfrentadas pelas mulheres do Vale do Jequitinhonha.....	31
2.4 Caracterização das artesãs e do trabalho no Vale do Jequitinhonha.....	33
<b>3 A PANDEMIA DE COVID-19.....</b>	<b>40</b>
3.1 O impacto da pandemia da Covid-19 na economia.....	42
3.2 Impacto da pandemia no artesanato do Vale do Jequitinhonha.....	45
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>59</b>
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	59
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista.....	61

## RESUMO

Esta dissertação tem como principal objetivo analisar e explicar os fatores que interferem na dinâmica das relações patriarcais e que influenciam no trabalho, na experiência, no modo de vida, na sociabilidade e no reconhecimento social das artesãs empreendedoras do Alto e Médio Jequitinhonha. Dessa forma, ao longo dela será possível conhecer um pouco sobre o artesanato no Vale do Jequitinhonha e da importância do empoderamento feminino. Além da história das mulheres do Vale e dos desafios enfrentados com a pandemia da Covid-19. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica sobre o assunto e a análise de entrevistas realizadas com artesãs do Vale do Jequitinhonha. Ao término da dissertação é possível compreender que a pandemia só agravou uma quantidade extensa de desafios enfrentados pelas mulheres residentes do Vale do Jequitinhonha e que optam pelo artesanato como uma fonte de renda.

**Palavras-chave:** Mulher; Artesanato; Jequitinhonha; Covid-19.

## ABSTRACT

This dissertation has like principal objective to analyze and explain the factors that interfere in the dynamic of the patriarchal relations and influence in the work, in the experience, in the way life, in the sociability and in the social recognition of the entrepreneurs artisans of High and Medium Jequitinhonha. In this way, along it will be possible to know a little about the craftsmanship in the Jequitinhonha Valley and of the importance of the female empowerment. In addition of the history of the woman of the Valley and of challenges faced with the Coronavirus-19 pandemic. The method used was the bibliographic reserach about the topic and the analyze of interviews conducted with artesians of Jequitinhonha Valley. In the end of dissertation is possible understand that the pandemic only aggravated a rude quantities of challenges faced by residents woman of Jequitinhonha Valley and that choose to craftsmanship like a source of income.

**Key-Words:** Woman; craftsmanship; Jequitinhonha; Coronavirus-19.

## 1 INTRODUÇÃO

O Vale do Jequitinhonha, região do estado de Minas Gerais, tem como característica o trabalho das artesãs empreendedoras, especificamente dos municípios de Ponto dos Volantes, Turmalina e Araçuaí, principais polos produtores do Alto e Médio Jequitinhonha. A partir de suas trajetórias de vida, luta, trabalho e experiências, esta pesquisa propõe um resgate de suas memórias, como ação de justiça e de reconhecimento. Além disso, analisa os impactos e desafios da pandemia de Covid-19 no empoderamento feminino e participação social das artesãs.

Entre as artesãs da região, destacam-se as ceramistas. Por meio da arte de modelar o barro, essas mulheres encontram na arte não apenas o sustento, mas também espaços de rever tradições de uma sociedade patriarcal. Além disso, fazem parte de um grupo que engrandece a região, pois contribuem para que esse território não seja percebido apenas pelos seus baixos indicadores sociais, mas sobretudo como referência cultural para o próprio Vale do Jequitinhonha, para Minas Gerais e para o Brasil por ser detentora de uma riqueza cultural invejável.

Destaca-se que, este tipo de artesanato, realizado por meio do barro, foi reconhecido como patrimônio cultural de natureza imaterial de Minas Gerais pelo Conselho Estadual de Patrimônio Cultural – CONEP (ROCHA, 2018). Dessa maneira, compreende-se a importância dele para a região. A realidade das artesãs do Vale do Jequitinhonha representa a luta persistente, árdua e invisível de todas as artesãs que conquistaram ou que estão batalhando para conquistar os seus espaços, o auge das suas hierarquias no trabalho e até mesmo na gerência familiar.

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo principal analisar e explicar os fatores que interferem na dinâmica das relações patriarcais e que influenciam no trabalho, na experiência, no modo de vida, na sociabilidade e no reconhecimento social das artesãs empreendedoras do Alto e Médio Jequitinhonha.

Considerando-se o problema investigado e tendo em vista que o Vale do Jequitinhonha se caracteriza pela dificuldade de acesso às fontes primárias e secundárias devido a uma profunda carência de arquivos públicos e poucos projetos editoriais. Esta pesquisa foi realizada por meio de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, que segundo Prodanov e Freitas (2013) tem como finalidade proporcionar maiores informações sobre o assunto investigado, possibilitando sua

definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto.

Esta abordagem exploratória assumiu, como primeira etapa, a forma de pesquisas bibliográfica, que foi realizada por meio de estudos de revisão de literatura científica, onde foram levantados dados tais como conceitos e significados de termos relacionados à artesãs e ceramistas do Vale do Jequitinhonha, a partir da análise de fontes secundárias, principalmente no Dossiê para registro do artesanato em barro do Vale do Jequitinhonha: saberes, ofício e expressões artísticas em Minas Gerais (2018) e na obra *Noivas da Seca: cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha* de Lalada Dalglish (2006), além de artigos e sites diversos, livros, dissertações e teses que se referem ao assunto, entre outras fontes, com o objetivo de reunir as informações e dados que serviram de base para a construção da investigação proposta a partir do referido tema.

Rampazzo (2005, p.53) atesta que este tipo de pesquisa ocorre em qualquer área científica seja para um levantamento prévio, fundamentação teórica, ou justificativa dos limites e contribuições da própria pesquisa, ao que Gil (2010, p. 29 a 31) complementa afirmando que essa categoria de pesquisa elaborada com base em material já publicado deve ser considerada quando for obtida em bibliotecas ou fontes de dados.

Devido ao isolamento social imposto pela pandemia do Coronavírus, a estratégia metodológica para coleta de dados junto às artesãs foi realizada por meio da aplicação de um questionário *on-line* com um número reduzido de mulheres. Assim, houve o questionamento de aspectos econômicos e culturais relacionados a prática do artesanato.

As mulheres dessa região se tornaram cada vez mais ativas na geração de renda para suas famílias, visto que, os homens, desempregados, historicamente foram obrigados a buscar trabalho em outros lugares, passando longas temporadas fora da comunidade. Assim, coube às mulheres cuidar dos filhos, de suas casas, do plantio e de si mesmas. Proveniente dessa necessidade, uma das saídas encontradas foi o desenvolvimento de suas habilidades artísticas por meio da terra seca, um dos únicos recursos abundantes do Vale, fazê-la se transformar em barro e, posteriormente, em verdadeiras obras de artes que seriam comercializadas na região.

Embora as mulheres ainda ocupem posições subalternas na sociedade, e o direito à ampla participação política, ainda que garantido por lei, continue predominantemente masculino, tem sido verificado um crescimento do empoderamento feminino. Entre as artesãs e ceramistas do Vale do Jequitinhonha o mesmo se verifica, e se relaciona à expressividade e reconhecimento social de suas artes até mesmo internacionalmente. O artesanato revela-se como forma de sobrevivência dessas mulheres que diante, principalmente, da migração dos maridos para os centros urbanos em busca de sustento financeiro, descobriram, na cerâmica, alternativa de remuneração e independência de subsistência tanto financeira quanto política. Trata-se de uma cultura ancestral, que passou pelos povos indígenas e chegou aos nossos tempos sem perder as suas características.

No Vale do Jequitinhonha, encontram-se algumas das cerâmicas mais importantes do Brasil, confeccionadas por mulheres ceramistas, além de ser uma região em que existem processos de organização das artesãs na economia solidária. A escolha dos sujeitos da pesquisa tomou como referência a participação das mulheres nos grupos de economia solidária, e sua viabilidade decorre do fato de que existe um processo de organização e comunicação por meio virtual. Assim, pretende-se realizar o questionário com artesãs do Vale do Jequitinhonha, envolvidas em alguma medida com os grupos de economia solidária da região. As participantes da pesquisa tiveram assegurado seu anonimato.

Com a finalidade de responder ao problema de pesquisa e atingir os objetivos propostos durante a escrita desta dissertação foi realizada uma entrevista com as mulheres artesãs do Vale do Jequitinhonha, encontradas por meio de grupos de economia solidária da região e de indicações de pessoas que fazem a compra destes artesanatos. A pesquisa foi realizada de forma *on-line*, devido a pandemia da Covid-19, por meio do aplicativo *Google Forms*, no período de fevereiro a março de 2021. Cerca de 13 mulheres responderam aos questionamentos.

Os dados obtidos nos questionários e entrevistas foram transcritos e analisados em uma perspectiva de gênero e à luz das categorias relevantes desta pesquisa, a saber: o empoderamento econômico das mulheres, o processo de trabalho no artesanato, e como se relacionam com a participação social e política das mulheres.

Os dados ficarão armazenados durante o período de elaboração da dissertação, aos cuidados da pesquisadora, e, posteriormente, os resultados da

pesquisa serão apresentados às artesãs da economia solidária do Vale do Jequitinhonha.

Pretende-se, com este trabalho, reunir informações e produzir uma análise que incentive o debate relacionado à representação direta das mulheres artesãs nesses principais polos produtores de cerâmica e artesanato das microrregiões do Alto e Médio Jequitinhonha, principalmente no que se refere à questão da equidade de gênero, direitos e empoderamento das mulheres, devido à cultura institucionalizada que se mantém de forma resistente e ideológica.

Sendo assim, o interesse em realizar esta pesquisa se relaciona com o desejo de contribuir para a reflexão, inclusive de artesãs das comunidades dessas regiões, em torno da proteção e promoção dos seus direitos humanos e sobre a melhoria legítima de seu papel no desenvolvimento econômico. A equidade de gênero e o empoderamento feminino são desafios universais e exigem uma ação coordenada, bem como ampliar a participação política e social das mulheres, fazendo um justo reconhecimento a essas artistas/artesãs que muitas vezes não são identificadas, ou que os seus trabalhos nem sempre são reconhecidos como deveriam.

Para finalizar, ao longo da dissertação será possível conhecer o artesanato produzido no Vale do Jequitinhonha, em especial pelas mulheres, suas lutas de empoderamento e como a pandemia da Covid-19 afetou a comercialização e produção das peças. Ademais, o leitor conseguirá ter uma ideia sobre a grandeza que é o artesanato nessa região e também sobre a desvalorização ainda presente das pessoas do sexo feminino, mesmo se estando em pleno século XXI.

## 2 O VALE DO JEQUITINHONHA

O Vale do Jequitinhonha, região situada no nordeste do estado de Minas Gerais, de acordo com Nascimento (2009, p.2), faz fronteira com o Norte de Minas e o Mucuri e “é uma região que ocupa 14,5% da área do Estado, totalizando aproximadamente 85.000 Km<sup>2</sup> de extensão territorial”. De acordo com Vivejar (2017), o nome do Vale é proveniente dos índios que o habitavam.

“Jequi” era um tipo de armadilha para pegar peixes, que também eram conhecidos como “onhas”. Segundo essa lenda local, o índio armava o jequi no rio pelo entardecer e, na manhã seguinte, falava para o filho: “Vai menino, vai ver se no jequi tem onha”. E tinha. (VIVEJAR, 2017, n.p.).

Destaca-se que o Vale é amplamente conhecido devido aos seus baixos indicadores sociais e também por ter características do sertão nordestino era concebido a partir da identidade de “Vale de Miséria”, “Vale dos Esquecidos”, ou “Vale da Pobreza, conforme destaca Servilha (2012) em análise sobre a formação do Vale do Jequitinhonha a partir das referências identitárias.

O autor ainda afirma que a região foi criada após a “descoberta” da pobreza existente na mesma concomitantemente com todo o discurso de superação em relação a isso realizado pelo Estado. Falava-se sobre o fim da pobreza, mas não de aspectos que levaram a região a isso. Tendo sua origem econômico-social similar às do Estado de Minas Gerais, o seu povoamento teve início no século XVII, juntamente com o início do ciclo do ouro, tendo sua consolidação no século XVIII, com o ciclo do diamante (NASCIMENTO, 2009, p. 2-3).

Destaca-se que mesmo que a extração do ouro e do diamante tenha acelerado o processo de povoamento e urbanização da região, os problemas de abastecimento alimentício, por exemplo, ficaram mais visíveis após este ciclo, o que ocasionou na imagem negativa de pobreza e problemas sociais da região (VIVEJAR, 2017).

O PIB do Vale do Jequitinhonha representa 1,4% do estado de Minas Gerais (GOMES, 2019). Ademais, de acordo com reportagem do G1 Vales de Minas Gerais (2013) das 15 cidades mineiras com menor Índice de Desenvolvimento Humano, sete delas são do Vale do Jequitinhonha.

A região do Vale é banhada pelos 50 mil km<sup>2</sup> do rio Jequitinhonha e possui uma população de mais de 950 mil pessoas, sendo que dois terços delas vivem na

zona rural (UFMG, 2018). Ademais, de acordo com Pales, Cota e Santos (2014, p. 2) no ano de 2010, o Vale do Jequitinhonha possuía uma das menores rendas *per capita* de Minas Gerais, em torno de R\$ 431,75 além de possuir o IDH entre 0,500 e 0,699, considerado inferior ao apresentado pelas outras macrorregiões do estado de Minas Gerais, que é acima de 0,700. (PALES; COSTA; SANTOS, 2014, p. 13).

A economia do Vale do Jequitinhonha/Mucuri é a menos dinâmica de Minas Gerais. Os investimentos realizados nesta macrorregião em meados do século XX não reduziram as desigualdades sociais. Apesar da monocultura de eucalipto ter dinamizado a economia do Vale do Jequitinhonha/Mucuri, não foi capaz de transformar o cenário de pobreza em que vive grande parte da população desta macrorregião. (PALES; COSTA; SANTOS, 2014, p. 15).

No entanto, embora essa região seja conhecida ou associada, muitas vezes, apenas pela seca ou pobreza, pouco ainda se conhece sobre as riquezas sem medida manifestas nos saberes populares, nas danças, cantos, festas e na produção artesanal, a exemplo da cerâmica, que é muito vasta.

Nesse contexto, Mascelani (2008, p. 37) enfatiza que o ambiente local da pesquisa, ou seja, o Vale do Jequitinhonha, amiúde associado à seca e à pobreza, acolhe traços culturais tradicionais marcantes: “o rio de quem herda o nome, a riqueza de sua arte cerâmica, o sertão mítico do garimpo, as vilas e aldeias ribeirinhas e, paradoxalmente as suas terras áridas aparentemente secas e pobres”. Sobre isso, Nascimento (2009, p. 2), em concordância com Mascelani (2008), afirma que

a região não se limita ao estereótipo miserável da carência social. Existem sérios problemas de ordem social e econômica, como apontam tais indicadores. Mas, por outro lado, também existe uma rica cultura, que se manifesta de várias formas entre os seus moradores. (NASCIMENTO, 2009, p. 2).

De acordo com a UFMG (2018), o Vale também tem outras características que vão além da pobreza, como o verso, a música, a viola, um subsolo promissor de recursos naturais e também o patrimônio histórico-cultural que é referência para Minas Gerais e Brasil juntamente com um artesanato diversificado e com técnicas que são consideradas patrimônio cultural.

O Vale do Jequitinhonha é composto por 59 municípios que são organizados nas microrregiões do Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha (UFMG, 2018). Na Figura 1 é possível entender a localização do Vale e de suas microrregiões.

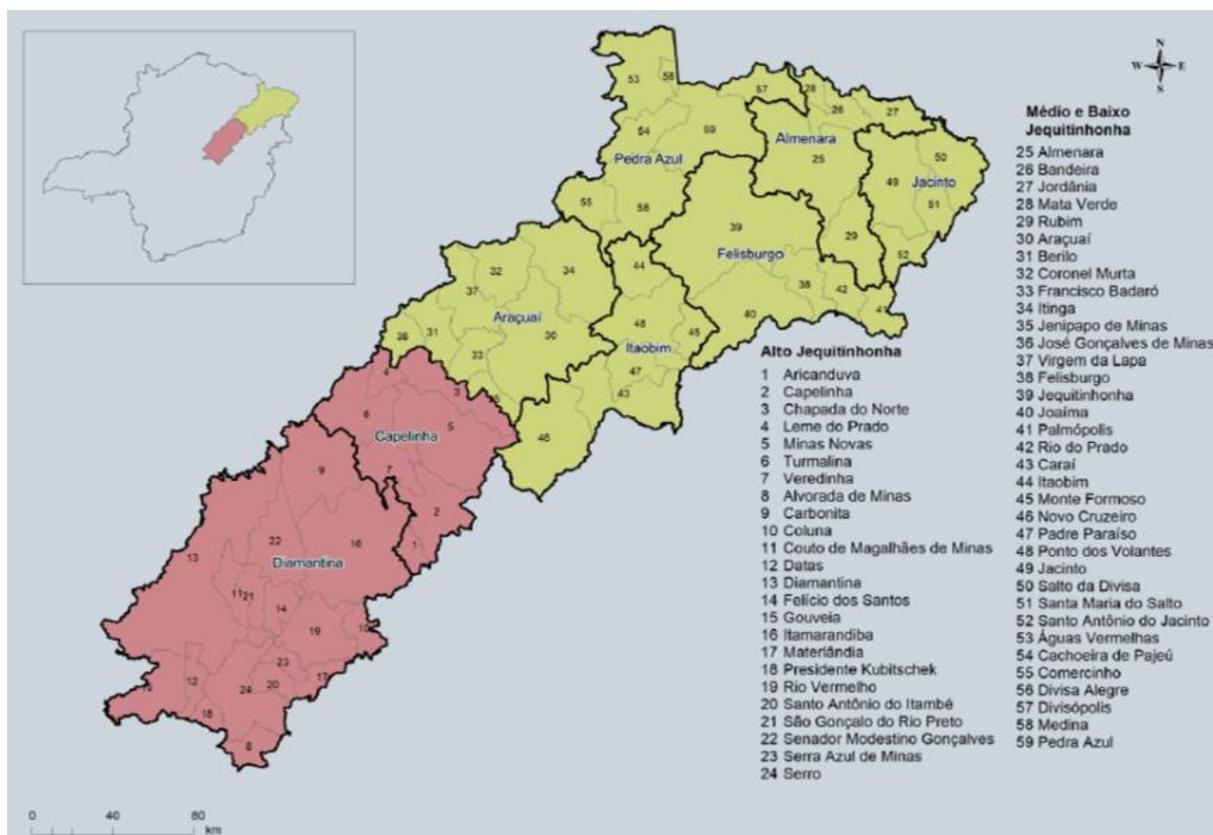
**Figura 1 – Vale do Jequitinhonha e suas microrregiões**



Fonte: IEPHA-MG (2018, p. 15).

Destaca-se que, para pesquisa desta dissertação, foram buscados dados referentes às artesãs empreendedoras do Alto e Médio Jequitinhonha. Na Figura 2, é possível acompanhar a divisão existente e os municípios que compreendem a cada microrregião do Vale.

**Figura 2 - Municípios das microrregiões do Vale do Jequitinhonha**



Fonte: UFMG (2018).

É inquestionável a pobreza existente no Vale, mas as suas belezas também precisam ser destacadas. De acordo com a UFMG (2018, n.p.),

como duas caras da mesma moeda, o Vale do Jequitinhonha também tem ambivalências. A região ainda precisa se desenvolver, solucionar questões já sanadas por outros municípios e ser mais reconhecida para além do estigma. Logo, a fim de que ele ocupe não apenas o coração da cultura mineira, como também conquiste avanços sociais e econômicos, é importante conhecer melhor essa terra, valorizando as tradições e as potencialidade de desenvolvimento. (UFMG, 2018, n.p.).

Sendo assim, embora não se possa negar a incidência de diversos problemas socioeconômicos nesse recorte regional mineiro, há necessidade de desenvolvimento de políticas públicas que propiciem melhorias na qualidade de vida dessas pessoas, devido a riqueza social, cultural e histórica dessa região.

Por sua vez, a população feminina do Vale do Jequitinhonha, que já foi conhecida como “viúvas da seca” em razão da migração dos maridos em busca de trabalho, é hoje reverenciada pela sua cerâmica. O artesanato se tornou uma fonte de renda para a população, que se revela como forma de sobrevivência das mulheres, que descobriram na cerâmica alternativa de remuneração e independência de subsistência tanto financeira quanto política.

A produção artesanal desenvolvida em todas essas comunidades apresenta um alto grau de identidade com a história e com a cultura local. Por isso, é importante acrescentar que a formação do Vale do Jequitinhonha enquanto região deve ser definida não apenas a partir de uma circunscrição político-administrativa, mas também com base em seu passado histórico, a partir das memórias coletivas e da formação sociocultural que confere identidade às pessoas, como especificamente às artesãs que vivem no local.

## **2.1 O artesanato do Vale do Jequitinhonha**

O artesanato no Vale do Jequitinhonha é cultural. Ao longo dos anos as pessoas foram se aperfeiçoando na prática, utilizando cores diferentes e temas variados, o que fez com que a arte ficasse conhecida na região e as peças produzidas fossem vistas como uma representação da cultura e prática social do Vale (IEPHA-MG, 2018). Sendo assim, percebe-se que o artesanato da região é

proveniente dos antepassados, sendo aperfeiçoado com o passar dos anos, obtendo um maior crescimento a cada dia.

Além disso, ele possui um grande papel social em diversas comunidades do Vale do Jequitinhonha, sendo referência do artesanato brasileiro, valorizando os saberes populares do Jequitinhonha e sendo a principal fonte de renda de muitas famílias (MINAS, 2021). Destaca-se que a maioria das ceramistas da região participam de grupos, como a Associação dos Artesãos de Coqueiro do Campo que participam da Artesol, que é uma rede de apoio ao artesanato brasileiro (FABRO, 2020).

Atualmente há o projeto Mulheres do Jequitinhonha, que teve seu início em 2015, realizado pela AJENAI que visa o empoderamento das mulheres de comunidades rurais para que elas possam ser autônomas, protagonistas da própria história a partir dos seus saberes, participam do projeto bordadeiras e tecelãs (AJENAI, 2021).

Em decorrência da pandemia de Covid-19 e as medidas de isolamento social, no ano de 2020, foi realizada uma Mostra Virtual de Artesãos do Vale do Jequitinhonha organizada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sendo assim, teve como participantes artesãs de forma individual e também algumas associações, como: Associação de Produtores e Artesãs de Roça Grande / Berilo-MG, ARCA – Associação de Artesãos de Santa Cruz de Chapada do Norte / Chapada do Norte-MG, Associação de Artesãos de Minas Novas / Minas Novas-MG, CAV – Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica / Turmalina-MG, Associação de Artesãos de Presidente Kubitscheck / MG, ALACA – Associação dos Artesãos e Lavradores de Campo Alegre / Turmalina-MG, Tecelãs de Tocoíós / Francisco Badaró-MG, Bordadeiras do Curtume / Jenipapo de Minas-MG, Associação Mãos que Criam / Pedra Azul-MG, entre outras (UFMG, 2020).

Dessa forma, destaca-se a existência e a importância da organização realizada pelas mulheres na formação de associações que visem o fortalecimento do processo artesanal. Uma vez que, além de contribuir para que o artesanato seja fortalecido, essas associações também contribuem para a sociabilidade da mulher e se tornam uma rede de apoio durante a luta pelo reconhecimento.

Em dossiê realizado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), é destacado que

o artesanato em barro no Vale do Jequitinhonha é oriundo do entrelaçamento da vida, natureza, cultura e arte. Pois se insere em um conjunto de tradições locais que perpassa pelos conhecimentos específicos sobre as técnicas de manuseio com o barro que vão desde a noção sobre a argila adequada, por exemplo, passando pelo forno feito manualmente a partir do barro, pela escolha da lenha usada na queima do objeto até o trabalho delicado com os pigmentos também feitos a partir dos elementos da natureza (IEPHA-MG, 2018, p. 21)

Na Figura 3 é possível observar o tipo de forno utilizado para a fabricação das peças.

**Figura 3 – Forno de Barranco em Turmalina**



Fonte: IEPHA – MG (2018, p. 132).

Sendo assim, a tradição do Vale do Jequitinhonha está diretamente relacionada com a produção das peças. Dessa maneira, o conhecimento das etapas de produção do artesanato, desde o início do processo de manuseio do barro até a finalização da peça, é repassado de geração para geração. Cada subregião, conforme indicado na Figura 1, possui características próprias em relação a produção das peças artesanais. Diferenciam-se, por exemplo, na tonalidade das cores, expressões e base dos pigmentos. No entanto, a maneira de fazer as peças é praticamente a mesma e leva sempre como base a natureza como matéria-prima (IEPHA-MG, 2018).

Além disso, de acordo com IEPHA-MG (2018), o artesanato do Vale do Jequitinhonha é de grande importância para a renda da população, que produz

objetos, utensílios, instrumentos, sendo eles realizados por meio de bordados, rendas, madeira, couro, tecelagem para a venda. Dessa forma, além de um produto cultural, a arte possibilita uma melhor garantia de vida e sustento para a comunidade. De acordo com IEPHA-MG (2018, p. 177) “para 44% das pessoas cadastradas o artesanato em barro é a principal fonte de renda das famílias, enquanto 54% das artesãs afirmaram que o trabalho com o barro não é a principal fonte do sustento de suas famílias”. Sendo assim, o artesanato é um complemento a renda familiar. Na Figura 4 é possível conhecer o belíssimo trabalho das artesãs de Campo Alegre, Turmalina – MG.

**Figura 4 – Bonecas confeccionadas pelas artesãs de Campo Alegre, Turmalina – MG**



Fonte: IEPHA – MG (2018, p. 49).

Essas bonecas feitas de cerâmica representam a história e modo de vida de muitas mulheres do Vale do Jequitinhonha, dessa forma, cada uma tem seu próprio jeito de ser, mas tendo algumas características em comum, como: olhar vago, mistura de traços de indígenas e negros, retratando mulheres grávidas, noivas, com bebês no colo (MINAS, 2021).

Ademais, há outras imagens de objetos feitos pelas artesãs que merecem ser destacados, presentes nas Figuras 5, 6 e 7.

**Figura 5 – Objetos diversos expostos pelas artesãs de Campo Alegre, Turmalina – MG**



Fonte: IEPHA – MG (2018, p. 49).

**Figura 6 – Panelas prontas para serem vendidas em Pasmândinho, Itinga**



Fonte: IEPHA (2018, p. 156).

**Figura 7 – Artesã fazendo acabamento em peça**



Fonte: IEPHA-MG (2018, p. 127).

Ao analisar as figuras anteriores, percebe-se que as peças tem formas diversas e inúmeros detalhes, o que demonstra o talento dessas mulheres e a beleza infinita do artesanato do Vale do Jequitinhonha. Ao observar o trabalho realizado, tem-se uma ideia do motivo que levou o CONOP a considerá-lo como patrimônio cultural.

Sendo assim, é devido à importância das mulheres na prática artesanal e ao seu trabalho realizado perante à natureza e à matéria prima existente no Vale que seu trabalho merece destaque, como acontecerá no próximo capítulo.

## **2.2 A presença do empoderamento feminino no Vale do Jequitinhonha**

O Vale do Jequitinhonha, de acordo com o Movimento de Artesãos e Ofícios (2021) pode ser conhecido como o “Vale das mulheres”, a comunidade dessas artesãs expressa bem o sentido desse nome. Uma vez que, a cerâmica feita de barro, característica do Vale, surgiu do trabalho das mulheres. Mulheres essas que são conhecidas popularmente por Viúvas da Seca ou Viúvas de Marido-vivo. Os homens precisaram sair da cidade para buscar o sustento de sua família devido à seca e as dificuldades de encontrar trabalho na região. Dessa forma, as mulheres foram deixadas sozinhas e precisaram buscar uma fonte de renda, assim acharam a

solução no barro e começaram a transformá-lo em utensílios, panelas, objetos de decoração, entre outros (FELIX, 2016).

Com isto, torna-se possível pensar no início de uma inversão das relações de gênero, no Vale do Jequitinhonha, que antes se conduzia somente de maneira patriarcal e, que agora, diante do despertar para o artesanato, está começando a se transferir para a esfera matriarcal. Sobre a cultura patriarcal e a relação com o trabalho, o texto da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (2016, p.8) diz o seguinte:

[...] dois pares de opostos integram a visão patriarcal. O primeiro composto pela ideia de público e privado, sendo o espaço público atribuído ao homem, e o espaço privado, da casa, definido como o lugar da mulher. E o segundo formado pela oposição entre trabalho de homens (mais “pesados” e “produtivos”) e trabalho de mulheres (mais “leves” e “reprodutivos”), ideia que fundamenta a chamada divisão sexual do trabalho.

Dessa maneira, compreende-se que a cultura patriarcal não vê na mulher uma possibilidade de crescimento profissional em comparação ao homem. Ela é entendida como um ser frágil e que nasceu para o espaço privado, tendo como trabalho aquelas atividades leves, como as atividades domésticas e cuidado dos filhos e, inclusive, do marido.

Mesmo que no Vale do Jequitinhonha haja certo reconhecimento do trabalho da mulher no artesanato, é necessário entender que ainda há muita desigualdade relacionada a questão de gênero, em especial no que se diz respeito ao trabalho. Sobre a divisão sexual do trabalho, Kergoat (2009, p. 67) afirma que

a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.).

Percebe-se que a divisão sexual do trabalho favorece o homem, colocando a mulher em um nível inferior, sendo oferecidos a elas trabalhos que sejam considerados mais fáceis e que não prejudiquem a vida de cuidadora e doméstica. Na divisão sexual de trabalho, o homem é considerado o provedor da casa e a mulher é vista como dona de casa e cuidadora, responsável por cuidar dos filhos, maridos e familiares (SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2016).

De acordo com a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (2016, p.12)

A divisão sexual do trabalho tem enorme impacto na autonomia econômica das mulheres. Embora a presença delas no mercado de trabalho formal e informal tenha aumentado, sua realidade ainda é marcada por diferenças salariais e maior desemprego, acesso a empregos precários e jornadas parciais de trabalho, necessárias para que elas possam equilibrar seu tempo com as tarefas de cuidado das pessoas e da casa.

A diferença salarial entre homens e mulheres é grande. De acordo com Guedes (2021) as mulheres recebem 77,7% dos salários dos homens e essa diferença é ainda maior quando os cargos são de maior rendimento, sendo que, nesses casos, o sexo feminino recebe 61,9% do rendimento do sexo masculino. Isso demonstra que ainda há uma desvalorização da mulher no mercado de trabalho.

No Vale do Jequitinhonha, o trabalho da mulher começou a ser mais valorizado a partir do momento em que seu artesanato passou a ser reconhecido. Com isso, atitudes de empoderamento feminino, que se forma através da consciência coletiva, expressada por ações que fortalecem as mulheres e desenvolvem a equidade de gênero, começaram a ser realizadas. A partir daí, as mulheres ceramistas dessa região passaram a reconhecer que elas eram capazes, para então começar a fazer mudanças.

Destaca-se que

o trabalho com a argila diz respeito a um saber que envolve as mulheres, mães e avós que mantêm vivos os conhecimentos herdados dos grupos que ocuparam a região, uma vez que as populações nativas, as escravizadas e seus descendentes permaneceram nos arredores dos locais onde viviam anteriormente, dando origem a população do Vale do Jequitinhonha (IEPHA-MG, 2018, p. 48).

Dessa maneira, o artesanato está presente na região desde os primórdios dela. No entanto, somente a partir da primeira metade do século XX, ele passou a ser utilizado como meio de sustento com saída dos homens da cidade e da necessidade que as mulheres sentiram em buscar meios de sobrevivência (VIVEJAR, 2017). Houve, assim, uma mudança de comportamento das mulheres, que resultou no sucesso que são as peças artesanais do Vale do Jequitinhonha atualmente.

De acordo com Nobre, Sulzbacher e Lima (2017, p. 14) “a radicalidade dessas mulheres em fazer a mudança na sua dinâmica social é o que entendemos como empoderamento feminino”. Ou seja, as mulheres do Vale do Jequitinhonha

precisaram transformar a sua realidade e, com isso, iniciaram o processo que teria como resultado o empoderamento feminino.

A construção do processo de empoderamento é longa, por isso as mulheres precisam ser incentivadas e reconhecer o valor que possuem. Para Berth (2019, p. 18)

estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor.

Sendo assim, segundo Sardenberg (2006) o empoderamento feminino é a trajetória da conquista da autonomia e autodeterminação, que resulta na libertação das mulheres dos princípios da opressão de gênero e patriarcal, cujo propósito principal evidente é destituir a ordem patriarcal atual na contemporaneidade e assumir o comando sobre seus corpos e suas vidas.

No entanto, de acordo com Marinho e Gonçalves (2016), o conceito de empoderamento feminino, muitas vezes, por ser fluido, é utilizado de forma maleável, de acordo com a necessidade do grupo social que dele se apropria. Sendo assim, não há um conceito específico para o termo. Paulo Freire, por exemplo, utiliza o conceito na educação, destacando que a desconstrução do poder nas relações sociais tende a acontecer por meio da educação libertadora. (MARINHO, GONÇALVES, 2016).

Além disso, “o conceito de empoderamento também pode ser bastante potente para a concepção e avaliação de práticas que visem promover a autonomia e a superação de desigualdade de poder em que as mulheres se encontram” (MARINHO; GONÇALVES, 2016, p. 81). Dessa forma, devido a quantidade de ideias que podem ser atrelados ao empoderamento, há a necessidade de um conceito mais preciso para o termo, a medida em que “o uso do termo empoderamento chama a atenção sobre as relações de poder e toma o poder como elemento da relação social” (MARINHO; GONÇALVES, 2016, p. 82)

Itaboraí (2003) por sua vez, se expressa sobre o empoderamento feminino ao afirmar que:

Quando falamos em empoderamento feminino, a questão mais evidente é a crescente dedicação das mulheres ao trabalho, o que garantiu sua definitiva inserção na esfera pública. Nas últimas décadas, o crescimento da taxa de atividades das mulheres vem sendo acompanhada de outras

estatísticas favoráveis à qualidade de vida feminina, como a redução da fecundidade e o aumento na esperança de vida e no nível educacional das mulheres. Este conjunto de transformações vem sendo interpretado por alguns como processo de empoderamento, pela qual a secular submissão feminina estaria sendo substituída por condições sociais mais igualitárias entre homens e mulheres.

Percebe-se, assim, que o trabalho é o principal meio para que as mulheres alcancem maior mobilidade em direção ao empoderamento, o qual é compreendido e considerado como um possível transformador multidimensional e que o fortalecimento da mão de obra feminina vem ocasionando grandes transformações culturais. Paulatinamente, o patriarcalismo se fragiliza, a mulher começa a dividir as responsabilidades por abarcar os deveres do lar e na maioria das vezes assume sozinha.

Sendo assim, a abordagem de empoderamento que se busca nesta dissertação é o de autonomia da mulher, por meio do qual ela consiga se sentir bem, tendo condições de evoluir profissionalmente e pessoalmente. De acordo com Fagundes (2017), é necessário que haja uma reflexão sobre possíveis caminhos que venham a contribuir para que as mulheres se sintam aptas para reivindicarem socialmente a igualdade de direitos e buscarem a autonomia. Além disso, entende-se que o conceito de autonomia está ligado intimamente ao de empoderamento (FAGUNDES, 2017).

Sabe-se que a divisão sexual do trabalho ainda é muito presente na sociedade. Kergoat (2009, p. 67) afirma que “essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um de mulher)”. Dessa forma, o ideal seria que a partir do momento em que a mulher começasse a trabalhar, o homem passasse a ajudá-la nas tarefas do lar, mas não é isso que acontece. A sociedade ainda acredita que a responsabilidade pelos cuidados da casa e da família é da mulher.

As modificações ocorridas nos paradigmas e no comportamento em relação ao papel social que a mulher assume impulsionadas pelos movimentos feministas e pela assiduidade cada vez maior dela nos âmbitos públicos, entrelaçados à sucessiva queda da fecundidade, ampliação da escolaridade e inserção forte da mulher aos bancos universitários, são estratégias que têm impulsionado

massivamente o aumento da inclusão das mulheres na esfera do trabalho em cargos da administração pública e empresarial.

A inserção no mercado de trabalho possibilita que as mulheres sejam mais valorizadas e estabeleçam relações sociais. Contudo, essa inserção é atravessada por vários obstáculos, dentre os quais estão a baixa escolaridade, a responsabilidade pelos filhos e a dupla jornada de trabalho. Fica, assim, evidenciado que a inserção dessas beneficiárias no mercado de trabalho perpassa pelos vários papéis que ela ocupa dentro das relações familiares. O empoderamento é considerado um processo necessário para conquistar algo, ou seja, a equidade e igualdade. No entanto, ainda se fazem necessárias mudanças que possibilitem uma maior equidade nas relações de gênero.

O empoderamento individual por si só não conseguirá diminuir a desvantagem sentida pela mulher na sociedade, por isso é necessário que o empoderamento seja realizado de forma coletiva. De acordo com Berth (p. 2019, 36-37).

O empoderamento individual e coletivo são duas faces indissociáveis do mesmo processo, pois o empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento.

É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstroem e desconstroem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas.

Sendo assim, políticas públicas que incentivem o processo de empoderamento feminino e favoreçam a prática artesanal são importantes para o enfrentamento das barreiras encontradas pela mulher no mercado de trabalho. A valorização do trabalho feminino é fundamental para que a pessoa do sexo feminino seja reconhecida como profissional.

### **2.3 Barreiras enfrentadas pelas mulheres do Vale do Jequitinhonha**

O processo de empoderamento feminino é benéfico para a mulher, que precisa ter a consciência sobre o seu papel no mundo para viver de forma plena, sem a dependência de outras pessoas, especificamente, dos homens. Sabe-se que as mulheres do Vale do Jequitinhonha estão cada vez mais empoderadas, buscando

meios de sobrevivência a partir da produção e venda do artesanato. No entanto, ainda há algumas barreiras a serem enfrentadas para que, de fato, elas consigam alcançar seus objetivos.

Uma delas é a falta de conhecimento sobre algumas técnicas de fabricação de peças artesanais (UFMG, 2018). Uma vez que, o desconhecimento pode fazer com que desistam de tentar e optem por não buscar o empreendedorismo. Entretanto, maior que isso, está a pressão existente por parte dos maridos para que elas não façam cursos profissionalizantes e não trabalhem (UFMG, 2018). O que causa insegurança nas mesmas e o sentimento de não saber o que devem realmente fazer.

Além disso, as mulheres, na maioria das vezes, sem possuírem um apoio, precisam se dividir entre a lida diária de mães, esposas, donas de casa e artesãs. Dalglish (2006) afirma que o local de trabalho das artesãs é sempre perto de casa, de onde elas podem cuidar dos filhos, controlar a comida no fogão e, ainda, modelar as peças. Isso exige delas uma jornada de trabalho dupla ou até mesmo tripla. Destaca-se que, mesmo cansadas, essas mulheres acordam já pensando em como será a próxima peça a ser construída (DALGLISH, 2006).

No que se refere ao trabalho das artesãs e ceramistas do Vale do Jequitinhonha, vale destacar que embora já se perceba uma grande mudança sociocultural nessa região, a economia que gira em torno do artesanato tem essa dinâmica de exploração. Ainda não é dado o devido valor a essas obras de artes, que passam para as mãos dos atravessadores, os quais revendem as peças e obtêm lucro com a venda dos produtos.

Nesse sentido, Mascelani (2008) adverte que, de fato, as ceramistas têm consciência de que diversas pessoas lucram com a revenda de seus trabalhos no Brasil e no exterior, mas mesmo assim essas artesãs se sentem alegres ao saber que suas obras têm tónus representativo, pois novos e antigos parceiros, intercessores e atravessadores surgem e ressurgem em busca “das joias da terra seca”. A autora ainda assinala que pessoas que compram as peças nesse circuito de comercialização nem sempre valorizam a autoria; consideram a cerâmica como objeto meramente decorativo, uma lembrança da viagem, um objeto significativo da cultura local - uma entre as muitas memórias de suas vidas.

Como enfatiza Mascelani (2008, p.66)

As oleiras do Vale do Jequitinhonha não foram à escola aprender como fazer uma 'boneca' de cerâmica, que elas chamam 'levantar o corpo', nem estudar como manter o calor da queima do tempo certo ou como distribuir as obras no interior do forno.

Aprenderam observando e participando, como elas próprias expressam, sem ter adquirido o conhecimento de apenas um único indivíduo. As ceramistas fazem referência a uma memória e herança que vem do tempo e que é repassada entre gerações, pelas suas avós, mães, tias. Fator este que pode contribuir para pensamentos de desigualdade de valor entre o trabalho da mulher e do homem. De acordo com Kergoat (2009) como muitas das qualificações que as mulheres têm em seus trabalhos (por exemplo destreza) não são formais ou escolares, muitas vezes, elas não são valorizadas social e economicamente.

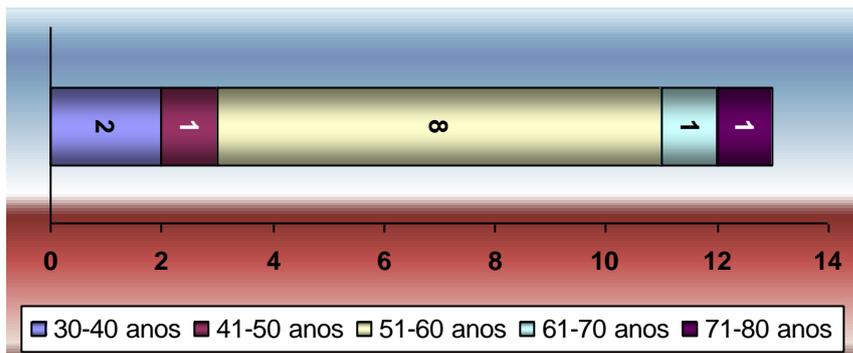
O artesanato do Vale do Jequitinhonha, atualmente já traz certo reconhecimento para as mulheres. Dalglish (2009), por sua vez, ressalta que boa parte das peças passou a ser reconhecida como arte e traz assinatura e identificação. Este é um resultado positivo de diferentes ações que conscientizaram para um caminho da conquista da legitimidade e da autonomia por parte dos artesãos e das artistas, que concordam em parte com a opinião de Mascelani (2008) quando diz que ainda hoje os compradores conseguem influenciar na feitura dos objetos e encomendar, selecionar, escolher sem a precisão da autoria. A autora retrata ainda que é possível conciliar de direitos do consumidor e a preservação dos valores dos Regionais da produção artesanal e, mesmo que haja agentes externos e críticas feitas pela mídia, as ceramistas continuam passando seus ensinamentos para as novas gerações.

#### **2.4 Caracterização das artesãs e do trabalho no Vale do Jequitinhonha**

Para demonstrar os dados recolhidos e se ter um melhor entendimento sobre o assunto, os resultados obtidos por meio de coleta de dados realizada com as artesãs do Vale do Jequitinhonha serão demonstrados por meio de gráficos e de explanações, com a finalidade de passar o conhecimento de forma clara para o leitor. As perguntas utilizadas durante o questionário estão disponibilizadas no Apêndice B.

A partir da análise da primeira etapa da entrevista, relacionada a aspectos pessoais da artesã, percebe-se que é grande a diferença de idade entre a entrevistada mais jovem, 31 anos, e a mais experiente, 79 anos. Sendo assim, no Gráfico 1, é possível acompanhar essa diferença.

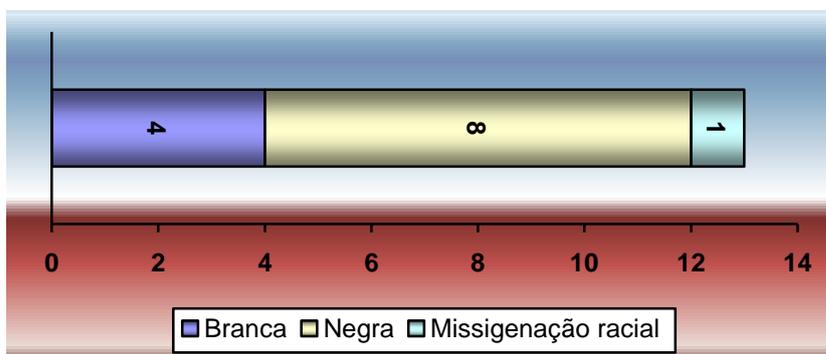
**Gráfico 1 – Idade das entrevistadas**



Fonte: Autora, 2021.

Assim, percebe-se que a maioria das entrevistadas possui idade entre 51 e 60 anos. O que pode ser considerado um alerta, pois com a idade mais avançada, há maior dificuldade para obtenção de um emprego formal, o que favorece o aumento de pessoas buscando outras alternativas como o artesanato. Em relação à raça das mesmas, apresenta-se o Gráfico 2.

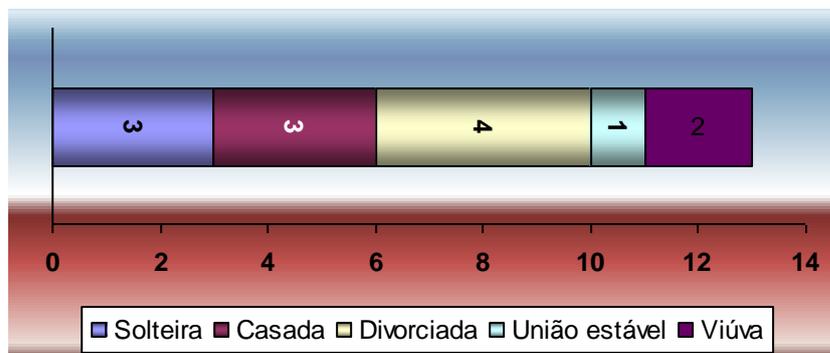
**Gráfico 2 – Raça das entrevistadas**



Fonte: Autora, 2021.

Acompanhando o Gráfico 2 percebe-se que há divergências na questão racial, há um número de 4 artesãs de raça branca para 8 de raça negra. O próximo gráfico, Gráfico 3, apresentará o estado civil das entrevistadas.

**Gráfico 3 – Estado civil das artesãs do Vale do Jequitinhonha**

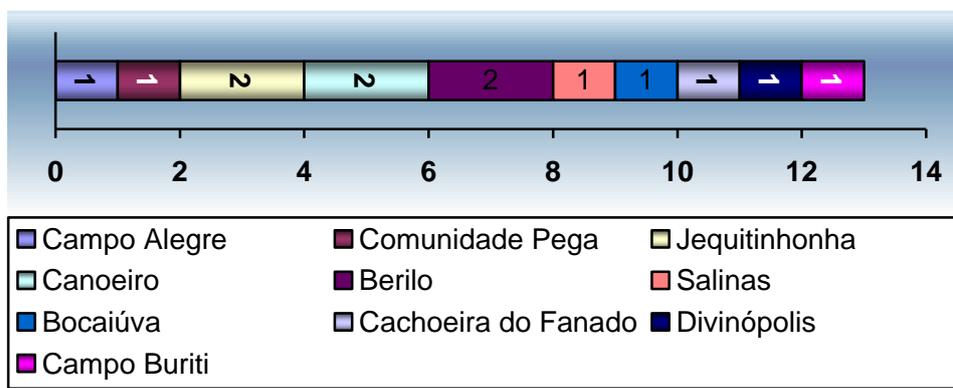


Fonte: Autora, 2021.

O Gráfico 3 demonstra o que já havia sido relatado, a mudança de sustento patriarcal para matriarcal. Dentre as trezes entrevistadas, somente quatro delas possuem companheiro. O que fortalece a ideia de que o artesanato do Vale do Jequitinhonha é utilizado como forma de sustento de muitas famílias e, as mulheres, são as responsáveis por esse sustento, tendo que buscar alternativas para o aumento de sua renda, sem contar com o apoio dos homens.

Sobre a localização das entrevistadas, comunidade, povoado, município de residência as respostas foram diversas e podem ser acompanhadas no Gráfico 4.

**Gráfico 4 - Comunidade/ povoado/município de residência das artesãs do Vale do Jequitinhonha**



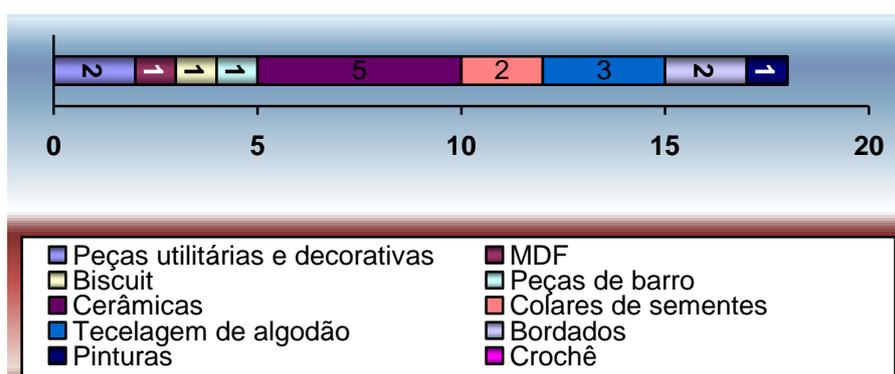
Fonte: Autora, 2021.

Dessa maneira, percebe-se que a entrevista conseguiu abranger artesãs de diversas localidades, o que é importante para se ter um entendimento sobre como funciona o artesanato em todo o Vale do Jequitinhonha.

Ademais, em relação à responsabilidade pelo cuidado de alguém, 6 entrevistadas disseram não ter responsabilidade e 7 disseram que possuem alguém sob seus cuidados. Sendo assim, há pouca diferença entre elas, mas é importante salientar que as sete pessoas que possuem responsabilidades pelo cuidado também devem possuir pelo sustento e por isso o artesanato deve ser ainda mais importante para elas.

A segunda etapa da entrevista solicitava dados sobre o artesanato do Vale do Jequitinhonha. A partir da análise do Gráfico 5 é possível conhecer qual a arte é mais produzida pelas artesãs e ceramistas.

**Gráfico 5 – Produtos de artesanato produzidos no Vale do Jequitinhonha**



Fonte: Autora, 2021.

Salienta-se que, neste questionamento, as entrevistadas poderiam responder mais de um produto, uma vez que, algumas produzem mais de um tipo de artesanato. Sendo assim, percebe-se que há uma diversidade de produtos produzidos no Vale do Jequitinhonha e que as cerâmicas e a tecelagem de algodão são os que mais se destacam. Inclusive, as cerâmicas são as mais famosas peças produzidas na região, de acordo com pesquisa realizada para o referencial teórico.

Sobre a trajetórias das mulheres no artesanato, é possível perceber que a maioria delas começou no ramo quando ainda era criança, por volta dos 10 aos 12 anos. Inclusive algumas artesãs já trabalham há mais de 20 anos, mas algumas

começaram após a separação. Abaixo é possível acompanhar os principais depoimentos recebidos durante a entrevista.

*“Há mais de 20 anos trabalho com artesanato”.*

*“Trabalho desde os 12 anos, é uma tradição familiar”.*

*“Comecei após me separar”.*

*“Faço artesanato desde criança”.*

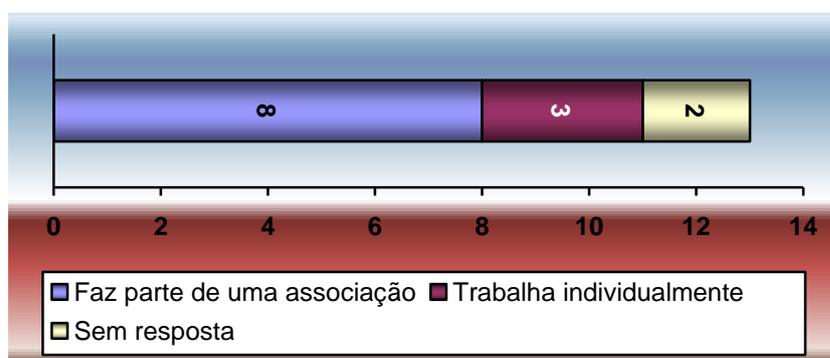
*“Cresci vendo a minha mãe. Eu brincava com o barro. Depois de certo tempo comecei a trabalhar para complementar a renda. Desde 2001 que trabalho”.*

Ao acompanhar os depoimentos, percebe-se que a tradição do trabalho artesanal realmente existe e está presente entre as mulheres artesãs, que, provavelmente, irão repassá-la para as próximas gerações. Ademais, três entrevistadas destacaram que começaram a produzir o artesanato depois da separação, o que demonstra que tiveram que optar por um novo meio de renda após se encontrarem sem apoio para o sustento.

Em relação a realização de cursos profissionalizantes relacionados ao artesanato, todas as entrevistadas disseram já ter realizado. Isso demonstra que as mesmas buscam maiores condições para a realização de um belo trabalho, que seja reconhecido e que tenha qualidade. Uma vez que, ao buscar a profissionalização, passam a enxergar o artesanato realmente como uma profissão e não somente como um passatempo, dessa forma, buscando ter rendimento com a venda dos produtos.

Sobre o vínculo com alguma entidade ou associação, é possível acompanhar as respostas no Gráfico 6.

**Gráfico 6 – Forma de trabalho das artesãs do Vale do Jequitinhonha**



Fonte: Autora, 2021.

Percebe-se que a maioria das entrevistadas faz parte de uma associação, trabalhando formalmente. Sendo assim, elas realmente entendem o artesanato como uma fonte de sustento.

Sobre a dedicação do tempo para a produção e venda dos produtos, as artesãs destacaram o apresentado no Gráfico 7.

**Gráfico 7 – Tempo gasto durante a prática artesanal**

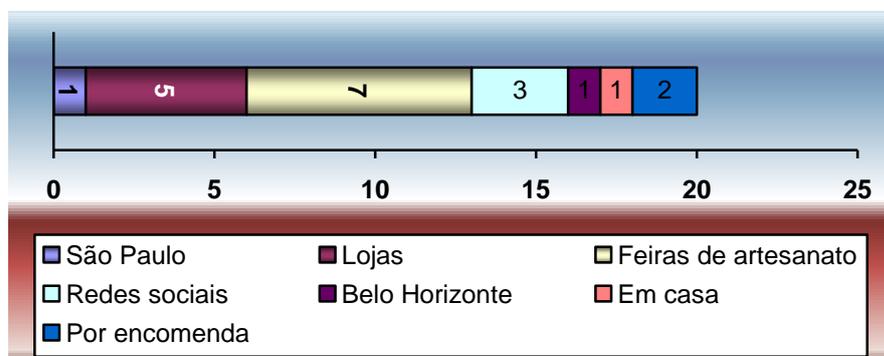


Fonte: Autora, 2021.

A partir do Gráfico 7, observa-se que as artesãs dedicam a maior parte do seu tempo para a produção das peças artesanais, sendo que somente uma delas participa da parte de vendas das mesmas. Sendo assim, elas produzem o que será vendido por outras pessoas, não participando ativamente do processo de comercialização.

Sobre o local onde as vendas são realizadas, tem-se o Gráfico 8.

**Gráfico 8 – Local de realização das vendas do artesanato**

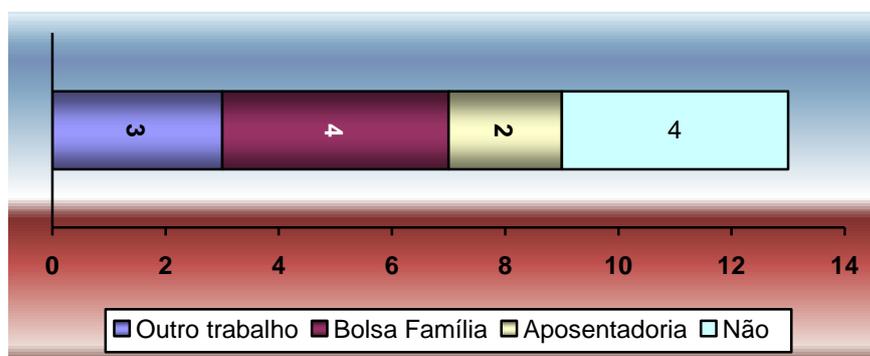


Fonte: Autora, 2021.

Destaca-se que para a obtenção dos dados presentes no Gráfico 8, as entrevistadas puderam responder mais de um local de venda, pois realmente é assim que funciona a comercialização dos artesanatos. No entanto, como principal ponto de venda se destacaram as lojas de artesanato, 5 pessoas, e as feiras, 7 pessoas. Levando em consideração o momento atual, pandemia de Covid-19, o fato de que a maioria das entrevistadas oferta seus produtos em feiras é preocupante, pois elas não estão sendo realizadas, o que afeta diretamente a renda das artesãs.

Sobre outro meio de obtenção de renda além do artesanato, obtêm-se as respostas no Gráfico 9.

**Gráfico 9 – Meios de obtenção de renda além do artesanato**



Fonte: Autora, 2021.

Percebe-se que somente quatro entrevistadas não possuem outro meio de obtenção de renda além do artesanato. Entretanto, é importante atentar para aquelas quatro que possuem o Bolsa Família como outra fonte, uma vez que, sabe-se que o valor é baixo e por isso, provavelmente, o artesanato é responsável pela maior parte do sustento da família. Dessa forma, ao somar as que recebem o Bolsa Família e as que não possuem outro meio de renda, tem-se um total de oito pessoas que dependem do artesanato para a sua sobrevivência.

Compreende-se que, aos poucos, as barreiras estão começando a ser vencidas, mas que há um longo caminho pela frente a ser percorrido. A pandemia da Covid-19, por exemplo, tem causado um grande impacto para o artesanato local, o que será discutido no próximo capítulo.

### 3 A PANDEMIA DE COVID-19

A pandemia de Covid-19 afetou todos os setores econômicos, além de trazer grandes mudanças para a vida de todas as pessoas e muitas preocupações devido à crise de saúde pública. A pandemia atingiu diversos países e ainda é sentida na pele por todos. No final do ano de 2019, em dezembro, na China, foi identificado um surto de uma síndrome respiratória aguda que atingiu trabalhadores de um mercado de alimentos e animais vivos em Wuhan. Esse surto foi causado por um novo coronavírus, chamado SARS-CoV-2 (MARINELLI et al., 2020).

Com todas as tecnologias existentes e o alcance de informação que isso traz, logo que surgiram os primeiros casos da doença na China, o governo brasileiro teria condições de ter feito uma previsão de chegada ao Brasil e se preparado para enfrenta-lo. No entanto, de acordo com Gullo (2020), o negacionismo do governo federal e de parte da população não acreditou que isso poderia acontecer e deixou que a sorte ajudasse.

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2021a) destaca que a Covid-19 é uma doença potencialmente grave, com grande poder de transmissibilidade e de distribuição global. Além disso, o SARS-CoV-2 é o sétimo coronavírus a infectar seres humanos. Sendo assim, outras vezes já tinham ocorrido casos de infecção por coronavírus, mas a gravidade desta vez é grande e, por isso, gera grandes preocupações. Com sintomas como febre, tosse seca, falta de ar, diarreia, cansaço, perda de paladar ou olfato, a Covid-19 traz quadros clínicos diversos, a medida em que cada paciente responde de uma forma a ela.

O aumento de casos do novo coronavírus foi tão grande que dois meses após a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretar a Covid-19 como pandemia, em 20 de maio de 2020, “em torno de cinco milhões de casos e aproximadamente 320 mil óbitos foram registrados em 216 países/áreas/territórios” (ORELLANA, 2020, p. 2). De acordo com a OMS (2021), atualmente, no mundo, há 164.409.804 casos confirmados e 3.409.220 pessoas morreram por causa da doença. Já no Brasil, há um total de 18.420.598 casos confirmados, tendo um total de 513.474 mortes até 27 de julho de 2021 (BRASIL, 2021b).

No estado de Minas Gerais, local onde está localizado o Vale do Jequitinhonha, o número de casos também é alto. No boletim epidemiológico, atualizado no dia 19 de maio de 2021, presente na Figura 8, é possível acompanhar a situação.

**Figura 8 – Cenário em Minas Gerais – Covid-19 Coronavírus**



Fonte: Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, 2021.

Ao analisar os números de casos e mortes da Covid-19 no mundo, Brasil e estado de Minas Gerais é possível perceber que há uma quantidade grande de pessoas acometidas pelo vírus, e, por isso, medidas foram e estão sendo tomadas para que estes números diminuam. Sabe-se que o isolamento social, no Brasil, é uma medida que vem sendo realizada desde o surgimento dos primeiros casos, mas que depende mais das possibilidades econômicas das pessoas permanecerem em casa do que das políticas públicas.

Falando nisso, o primeiro caso brasileiro da doença foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020, um homem de 61 anos que tinha voltado de uma viagem da Itália e, a partir daí, a preocupação de que houvesse uma transmissão sustentada, ou seja, que um brasileiro começasse a passar para outro, surgiu (PINHEIRO, RUPRECHT, 2020). Hoje, mais de um ano que esse fato aconteceu e que a preocupação começou, entende-se que realmente ela era fundamentada, uma vez que, o que mais se temia aconteceu e uma pessoa passou o vírus para outra. O que causou muito sofrimento, mudança de rotina e, inclusive, mortes.

O estado de Minas Gerais continua com medidas restritivas para conter o avanço do novo coronavírus e, em março deste ano, o governo decretou que 80 cidades entrariam em lockdown por pelo menos 15 dias (GAZETA DO POVO, 2021). Dessa maneira, com restrições mais severas, somente serviços essenciais poderiam abrir e o toque de recolher passaria a valer das 20h às 5h.

Com todas as restrições impostas desde o início da pandemia, instaurada no Brasil desde março de 2020, as feiras de artesanato foram interrompidas, o que afetou

o trabalho das artesãs do Vale do Jequitinhonha que não puderam mais utilizá-las como um ambiente de comercialização de seus produtos.

### 3.1 O impacto da pandemia da Covid-19 na economia

Com a pandemia da Covid-19 instaurada, o isolamento social precisou ser colocado em prática como uma forma de diminuir o contágio da doença. Assim, serviços não considerados essenciais foram proibidos de funcionar, escolas foram fechadas e o *home office* passou a fazer parte da rotina das pessoas do mundo inteiro.

Destacam-se o fechamento parcial e redução de jornada de trabalho de empresas, adesão ao regime de trabalho de *home office*, interrupção da cadeia produtiva de alguns setores da economia, redução de exportações e início de uma trajetória de expectativas pessimistas dos investidores, tanto no mercado financeiro quanto no produtivo (SILVA; SILVA, 2020, p.8).

Medidas adotadas que foram necessárias para tentar controlar a circulação do vírus da Covid-19 e que causaram impacto na economia brasileira. Impacto este que poderá ser revertido com o passar dos anos e com políticas públicas. Ao contrário das vidas que foram perdidas devido a essa doença.

A crise de saúde pública não afetou somente as pessoas em vulnerabilidade social, mas as de todas as classes sociais. Ademais, o Ministério da Economia (BRASIL, 2020) fez a seleção dos principais canais pelos quais a pandemia da Covid-19 pode afetar a economia brasileira, tais como: redução do fluxo de pessoas e mercadorias devido medidas de isolamento adotadas, queda no preço de *commodities*, redução das exportações e queda na produção de alguns setores.

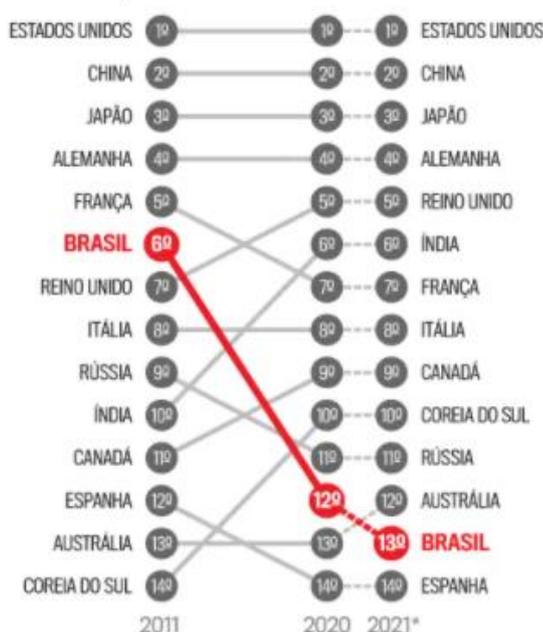
Destaca-se que o Brasil tem perdido posições no ranking das maiores economias do mundo, em 2011 era notável que ele estava em uma posição boa em relação aos outros países. No entanto, foi perdendo posições e, para 2021, a previsão é de que ele perca mais uma. O real que, atualmente, está entre as 24 moedas mais negociadas no mundo, possui o segundo pior desempenho e se desvalorizou cerca de 28% em relação ao dólar somente no último ano (VALIM, 2021). O que pode ter acontecido por inúmeros fatores, entre eles o negacionismo do presidente Jair Bolsonaro perante a crise do novo coronavírus.

De acordo com Valim (2020), a queda do PIB per capita que ocorreu entre os anos de 2011 e 2020 é a maior entre as já registradas nos últimos 120 anos. O que

causa transtornos que chegam a afetar até as pessoas menos favorecidas, uma vez que, a renda de 71% dos brasileiros que vivem em favelas caiu para menos da metade durante a pandemia.

Para compreender o impacto que a crise sanitária tem causado para a economia brasileira é possível observar a Figura 9.

**Figura 9 – Ranking das maiores economias, por produto interno bruto em dólares**

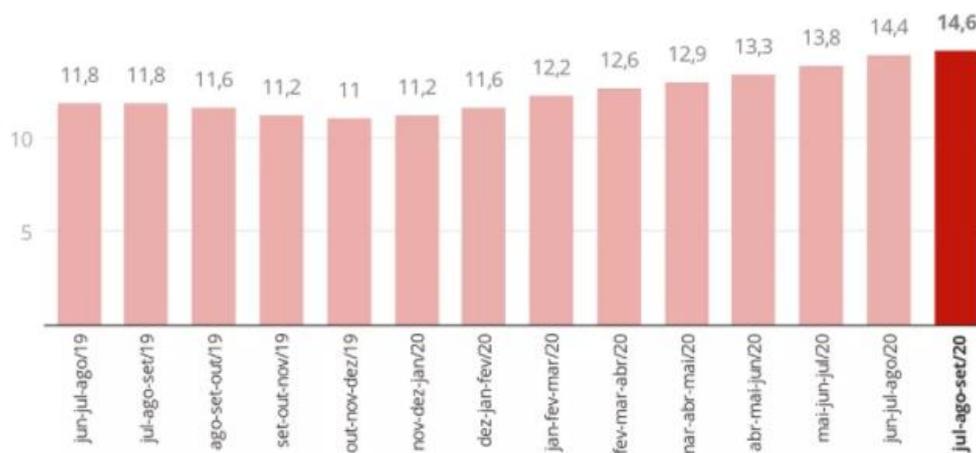


Fonte: Valim (2020).

Com a análise da Figura 9, compreende-se que de 6º lugar, o Brasil caiu para 12º e para 2021 é previsto que o país caia para 13º lugar entre as maiores economias mundiais.

Destaca-se que um dos setores mais afetado durante a pandemia foi o de serviços, uma vez que, com as medidas de prevenção, bares, restaurantes e turismo, atividades que demandam a presença do consumidor, foram bastante prejudicadas (ALVARENGA; GERBELLI; MARTINS, 2020). Além disso, o desemprego teve um aumento considerável, como é mostra a Figura 10.

**Figura 10 - Evolução da taxa de desemprego**



Fonte: Alvarenga; Gerbelli; Martins (2020).

Os impactos causados pela pandemia da Covid-19 são ainda maiores sobre as mulheres, Leão et al. (2020) afirmam que o mercado de trabalho já era desigual para elas e que a pandemia aumentou a dificuldade de inserção e permanência delas neste mercado. Ademais, a pandemia não afetou somente a vida profissional das mulheres, como a pessoal também. De acordo com Mazzi (2020) o número de denúncias de casos de violência doméstica teve um aumento de 50%, o que demonstra que as condições de vida da mulher foram dificultadas com a pandemia. Por meio de uma pesquisa realizada pela Sempre Viva Organização Feminista (SOF) entre abril e maio de 2020, é possível compreender os danos causados na vida das mulheres. Foram coletadas 2.641 respostas, entre elas 8,4% das mulheres informaram que sofreram algum tipo de violência no período de isolamento.

Para as mulheres, a reconcentração da vida dentro dos domicílios teve muitas implicações, sendo a intensificação da violência uma delas, já que para muitas mulheres a casa não é um lugar seguro quando convivem com agressores. Além disso, com a recomendação de ficar em casa, seguida pelo grupo dos que tiveram condições materiais de fazê-lo, muitas das atividades que se realizam fora de casa, no cotidiano, (re)concentraram-se, incluindo o cuidado e a educação (LEÃO et al., 2020, p. 295).

Dessa forma, o trabalho foi ainda maior para as pessoas do sexo feminino. De acordo com SOF (2020) 41% das mulheres que continuaram trabalhando na quarentena relataram que o trabalho aumentou, pois elas precisaram dar conta de todo o trabalho doméstico, do cuidado dos entes queridos, da educação das crianças que

não puderam ir à escola e, ainda, das atividades profissionais. Sendo assim, com toda a divisão sexual do trabalho, a mulher foi ainda mais prejudicada.

Ademais, a questão econômica das mesmas foi abalada, 40% afirmou que o sustento da casa foi colocado em risco (SOF, 2020). De acordo com Schwenck (2020) as pessoas que trabalham com costura, artesanato, produção agrícola e alimentação foram severamente impactadas pelas medidas de isolamento social, pois elas dificultaram a comercialização, em especial as realizadas durante as feiras livres. Destaca-se que o governo lançou um auxílio emergencial para ajudar os indivíduos que tiveram a fonte de renda comprometida.

No entanto, ao decorrer de todo o processo para o cadastro para o recebimento, Schwenck (2020, p. 175) destaca problemas como “falta de acesso à internet, problemas com a conexão ou uso das plataformas do governo, falta de habilidades para uso de aplicativos e sites” que fizeram com que algumas pessoas não conseguissem recebê-lo. Tudo isso somado a uma quantidade de *fake news* lançadas e informações contraditórias recebidas do próprio governo fizeram com que a situação das mulheres fosse ainda mais preocupante (SCHWENCK, 2020).

É necessário que as autoridades reconheçam a questão do gênero e de que as mulheres estão sendo as mais prejudicadas pela pandemia, visto que, somente assim é que políticas públicas podem ser criadas e ajudar no combate à desigualdade, que, após a pandemia, será ainda maior. Oliveira et al. (2020) salienta que é fundamental dar atenção às necessidades das mulheres, assim como garantir a representação das mesmas em todo o planejamento de tomada de decisão relacionado à pandemia.

Destaca-se que a pandemia da Covid-19 não afetou somente a vida da população, fazendo com que todos saiam da rotina, mas trouxe uma gama de fatores que contribuíram para a diminuição de renda, de serviços e da economia brasileira. O isolamento social foi benéfico, pois ajudou a conter, pelo menos um pouco, o aumento de casos da doença, mas trouxe grandes prejuízos financeiros.

### **3.2 Impacto da pandemia no artesanato do Vale do Jequitinhonha**

A crise econômica causada pela pandemia da Covid-19 também trouxe consequências para o artesanato do Vale do Jequitinhonha, o que impactou diretamente na renda das artesãs. O cancelamento de feiras de artesanato trouxe a diminuição da renda, pois sem expor os produtos, fica mais difícil vendê-los. A Feira de

Artesanato do Vale do Jequitinhonha precisou ser cancelada no ano de 2020, a feira ocorre desde o ano de 2000 no campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais (FIDELES, 2021).

Um modelo parecido com a da feira até ocorreu de forma *on-line*, mas algumas artesãs têm dificuldade em relação às tecnologias, sendo assim, torna-se difícil a venda por meio de plataforma digital. Além disso, o problema da venda pela *internet* é que alguns *sites* cobram taxas e o envio pelo correio das peças se torna caro e inseguro (CASTANHO, 2020).

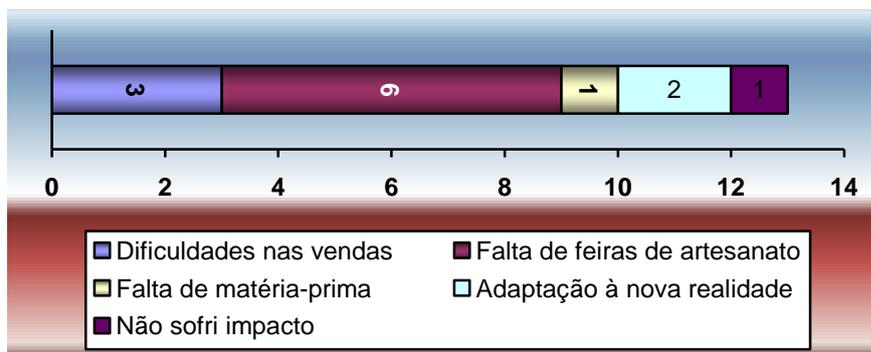
De acordo com Castanho (2020), a pandemia tem causado diversos estragos nas vendas das artesãs do Vale do Jequitinhonha, entre as afetadas está Maria Aparecida das Graças Oliveira, de Turmalina (MG) que conta que viu as suas vendas secarem após o cancelamento das feiras de artesanato e teve, assim como suas colegas artesãs de uma associação, como única renda o auxílio emergencial do governo federal.

Destaca-se que o setor de artesanato perdeu cerca de 49,6% de seus postos de trabalho, o que significa um total de 132,8 mil empregos perdidos. Ademais, além das feiras, os artesãos que vendiam para varejo tiveram cerca de 20% de queda nas vendas, devido os cortes de gastos que foram realizados no setor varejista. E, ainda, devido a todas as restrições, a quantidade de turistas que frequentava o Vale também diminuiu, o que causou uma perda na quantidade de comercialização também.

Outro fator que impactou o setor foi a falta de matéria-prima, pois algumas fábricas ficaram sem fabricá-la e quando voltaram, preferiram vender para clientes maiores (CASTANHO, 2020). Uma vez que, esses compram em maior quantidade e possibilitam um lucro maior. Sendo assim, além da pandemia impactar nas vendas do artesanato, também impactou diretamente na sua produção.

Em entrevista realizada com as artesãs do Vale do Jequitinhonha foi possível obter alguns dados sobre o impacto da pandemia no setor artesanal, como é observado no Gráfico 10.

**Gráfico 10 – Impacto causada pela pandemia de Covid-19 no trabalho como artesã**



Fonte: Autora, 2021.

Ao analisar o Gráfico 10 compreende-se que realmente a falta de feiras de artesanato, citada por 6 pessoas, que automaticamente gera dificuldade nas vendas, 3 pessoas e a falta de matéria-prima são problemas que apareceram devido à pandemia e já haviam sido citados anteriormente e só foram comprovados por meio da entrevista.

Sobre as estratégias utilizadas para diminuir os impactos sofridos após a pandemia do novo coronavírus para assegurar a renda, as entrevistadas destacaram o que está relatado no Gráfico 11.

**Gráfico 11 – Estratégias para assegurar a renda durante a pandemia causada pela Covid-19**

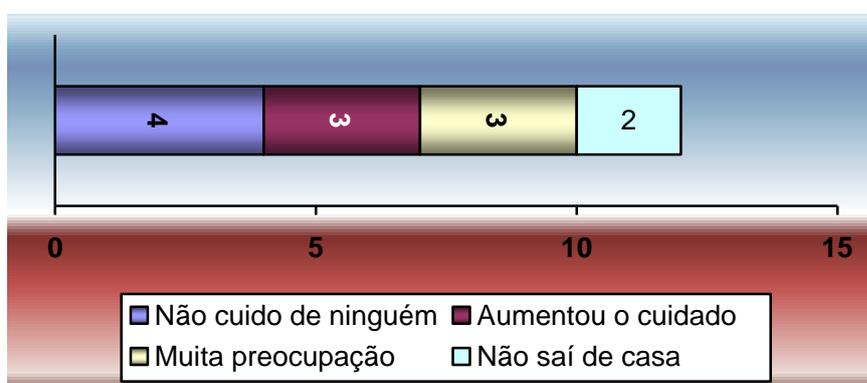


Fonte: Autora, 2021.

Sobre as estratégias utilizadas para assegurar a renda durante a pandemia, o que mais chamou a atenção foi o fato de que três entrevistadas relataram que sem a venda dos artesanatos, elas não possuem renda e não acessaram o auxílio emergencial. Além disso, quatro pessoas destacaram o uso das redes sociais como uma estratégia de comercialização e duas pessoas mudaram o tipo de produto fabricado e começaram a vender máscaras de proteção.

Sobre a responsabilidade do cuidado, serviços domésticos e trabalho como artesã durante a pandemia, as entrevistadas responderam o que está exposto no Gráfico 12.

**Gráfico 12 – Responsabilidade durante a pandemia**

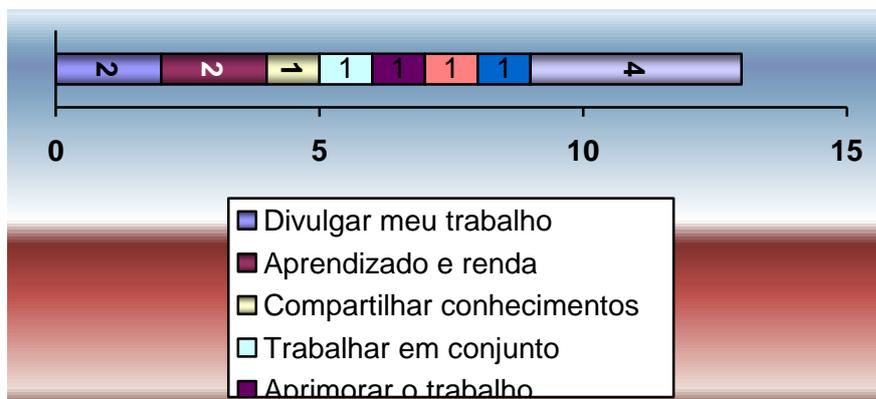


Fonte: Autora, 2021.

Em relação às responsabilidades de cuidar de outra pessoa, sustentar a casa e em relação ao trabalho como artesã, a maioria das entrevistadas destacou a preocupação, aumento do cuidado e o isolamento social como meio de proteção e responsabilidade durante a pandemia. Quatro pessoas destacaram que não cuidam de ninguém, o que demonstra que talvez tenham tido uma preocupação menor durante a situação que estão vivendo, devido precisarem cuidar e sustentar somente si mesmas.

Já sobre a participação de espaço coletivo de artesãs ou de movimentos sociais, 9 entrevistadas disseram que participam e 4 afirmaram que não participam. Em relação aos objetivos dessa participação, tem-se o Gráfico 13.

**Gráfico 13 – Objetivos da participação em coletivos de artesãs ou movimentos sociais**

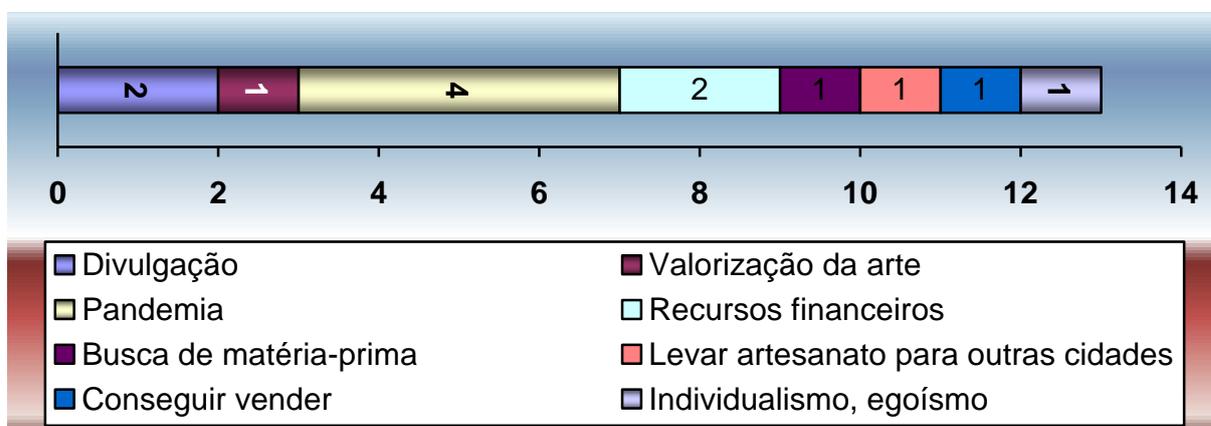


Fonte: Autora, 2021.

Ao analisar o Gráfico 13, percebe-se que quatro pessoas não responderam, as mesmas quatro que falaram que não participam de coletivos ou movimentos. Entre os objetivos mais citados entre as participantes, nove entrevistadas, está a divulgação do trabalho e o aprendizado e renda, ambos com duas respostas. No entanto, uma entrevistada tem como objetivo resgatar e preservar a cultura, o que chamou a atenção, pois o artesanato do Vale do Jequitinhonha é conhecido como cultural e é importante que objetivos como o apresentado sejam alcançados.

Em relação aos desafios enfrentados pelas artesãs empreendedoras no Vale do Jequitinhonha é possível encontrá-los no Gráfico 14.

**Gráfico 14 – Desafios enfrentados pelas artesãs empreendedoras no Vale do Jequitinhonha**



Fonte: Autora, 2021.

Ao acompanhar o Gráfico 14, destaca-se que a maioria das entrevistadas, 4 delas, citou a pandemia como o grande desafio das artesãs empreendedoras. No entanto, ao analisar as respostas a fundo, percebe-se que fatores como divulgação, recursos financeiros, busca de matéria prima, vendas estão diretamente relacionados e foram causados pela pandemia. Dessa forma, entende-se que a pandemia é um grande desafio de todas as entrevistadas, pois, mesmo que indiretamente, ela afeta o trabalho das mesmas.

O último questionamento da entrevista tratava sobre as políticas públicas e como elas poderiam contribuir para o enfrentamento dos desafios anteriormente citados, no entanto, as entrevistadas não responderam ao questionamento. Não se sabe o motivo da abstenção das mesmas ao certo, mas acredita-se que elas podem ter se confundido e não ter entendido o que seriam as políticas públicas questionadas. Espera-se, para uma próxima coleta de dados, utilizar termos mais fáceis para a compreensão de todos, uma vez que, foi uma pena que a questão tenha sido deixada em branco.

No entanto, entende-se que políticas públicas voltadas para o processo de empoderamento feminino, demonstrando a importância da mulher para a sociedade são importantes. Uma vez que, ao demonstrar a importância da mulher, não só o lado profissional dela ganhará destaque, mas haverá um processo de reconhecimento e com ele o respeito que toda mulher merece.

Já voltadas ao artesanato, entende-se que as políticas públicas precisam ser direcionadas para a criação de ONGs e comunidades que venham a ajudar no fortalecimento das raízes artesanais, além de servirem como centro de apoio para as mulheres que, muitas vezes, precisam de alguém para alertá-las e ajudá-las no processo de produção e comercialização das peças.

Com a criação de espaços específicos para isso, as mulheres iriam se sentir mais seguras durante todo o processo, desde a produção até a venda do artesanato. Ademais, a matéria prima comprada poderia sair mais em conta, pois a indústria facilita para compras em grande quantidade, o que ajudaria na margem de lucro das artesãs.

Outra política que seria interessante é a criação de capacitações relacionadas não só a mão de obra, como a todo o processo de venda e envio de peças. Com um conhecimento maior, as artesãs não precisariam dar suas peças para terceiros venderem e conseguiriam até mesmo aumentar sua renda. Capacitações relacionadas

ao uso da internet para a divulgação e venda de produtos também são necessárias, pois a maioria das pessoas já utiliza a *internet* para compras.

Para finalizar este capítulo, salienta-se que por meio da pesquisa bibliográfica e da entrevista foi possível compreender como é o funcionamento do trabalho com o artesanato realizado pelas mulheres do Vale do Jequitinhonha. Com a leitura de toda a análise, percebe-se que muitos aspectos discutidos por autores, como a mudança do sustento patriarcal para matriarcal ou até mesmo o impacto causado pela pandemia no ambiente artesanal, apareceram durante a realização da entrevista. O que demonstra que realmente são verídicos e acontecem no cotidiano das artesãs.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O término da escrita desta dissertação trouxe um novo olhar para o artesanato do Vale do Jequitinhonha, uma vez que, anteriormente só se enxergava a beleza das peças artesanais, sejam elas cerâmicas, utensílios, roupas e não se via quem estava por trás disso. A história das mulheres do Vale é de fundamental importância para a compreensão da beleza e do crescimento do artesanato.

As artesãs retratam a sua realidade nas bonecas, por exemplo, ao produzirem noivas, grávidas, bonecas com o olhar triste demonstram toda a garra que tiveram que ter quando os maridos precisaram deixar a cidade para trabalhar, indo, normalmente, em direção a São Paulo. Assim, precisando procurar meios para a sobrevivência, as mulheres começaram a se interessar pelo artesanato. No entanto, isso aconteceu já faz algum tempo e mesmo hoje, a cultura está presente entre elas.

O artesanato do Vale do Jequitinhonha é famoso em todo o Brasil, é possível perceber isso ao pesquisar sobre o assunto, há diversas declarações dizendo da beleza e da qualidade das peças. Porém, o que se percebe é que ainda não se tem a visão do empoderamento feminino presente nas mulheres do Vale e elas ainda sentem a pressão de maridos que não querem que elas se especializem ou tenham uma renda própria.

Ademais, aqui entra aspectos relacionamos aos sexos feminino e masculino. Ao longo da pesquisa, foi possível compreender que a artesã opta por realizar o seu trabalho em casa para que seja possível cuidar dos filhos e realizar as atividades domésticas. Isso acontece até mesmo quando há a presença do homem no ambiente, fica para a mulher o papel de jornada dupla ou até mesmo tripla, na qual ela precisa ser mãe, esposa e artesã.

Os desafios enfrentados pela mulher empreendedora são muitos. Sabe-se que, muitas vezes, devido a origem humilde, as artesãs não possuem conhecimento dos meios digitais e não conseguem divulgar o seu trabalho em locais além de feiras e lojas. Fato que as preocupa, pois em meio a uma pandemia, causada pela Covid-19, feiras não estão mais acontecendo e as lojas nem sempre podem ficar abertas.

Destaca-se que a pandemia deixou ainda mais difícil um trabalho que já era complicado para as artesãs, uma vez que, fez com que as feiras não pudessem ser realizadas, que a matéria-prima ficasse escassa e que houvesse uma dificuldade

maior durante a comercialização dos produtos. Tendo afetado a economia brasileira, a pandemia fez com que o setor artesanal fosse um dos mais prejudicados.

Sendo assim, é de fundamental importância que políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento do artesanato sejam criadas e as existentes sejam utilizadas para ajudar esse meio que tanto precisa no momento atual. O Projeto Mais Artesanato, política pública que foi instaurada em 2017, no estado de Minas Gerais, é um exemplo de projeto que deve ser realizado para fomentar a economia deste setor.

Durante a realização das entrevistas pode-se perceber que muitas artesãs não possuem renda além do artesanato e outras possuem o Bolsa Família como renda além dele. Dessa maneira, sendo o artesanato a maior fonte de sustento da maioria das mulheres do Vale do Jequitinhonha, ele deve ser explorado e esta cultura precisa ser valorizada, para que as famílias consigam ter uma fonte de renda segura.

Pensar no artesanato do Vale é pensar no bem estar de pessoas, além de no desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha, visto que, com o aumento do conhecimento sobre o artesanato, é possível que turistas comecem a optar pelo Vale como destino de suas férias, o que fomentará a economia local.

As mulheres empreendedoras precisam de destaque. Elas enfrentaram muitos desafios para serem conhecidas e, por isso, o nome delas deve estar presente em cada peça vendida. Ademais, elas necessitam participar do processo de comercialização das peças, sabe-se que atualmente pessoas vendem o artesanato e elas ganham somente uma parte, o que é injusto, pois a produção é toda realizada de forma manual por elas.

A riqueza do artesanato é extensa e por isso projetos devem ser realizados com a finalidade de aproveitá-la e dar uma chance de crescimento ao empreendedorismo feminino. Com esta dissertação, espera-se que tenha sido possível demonstrar as belezas do Vale do Jequitinhonha, sua história e a luta das mulheres pelo seu sustento. Busca-se a ideia de que a pandemia afetou o ramo, mas que os desafios já vinham sendo sentidos antes dela.

## REFERÊNCIAS

AJENAI. **Mulheres do Jequitinhonha.** Disponível em: <<https://www.ajenai.org.br/mulheres-do-jequitinhonha>>. Acesso em: 24 out. 2021.

ALVARENGA, D; GERBELLI, L. G.; MARTINS, R. **Como a pandemia 'bagunçou' a economia brasileira em 2020.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/12/12/como-a-pandemia-baguncou-a-economia-brasileira-em-2020.ghtml>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

BERTH, J. **Empoderamento.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é a Covid-19?** 2021a. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus.** 2021b. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. **Ministério da Economia avalia impacto econômico do coronavírus.** 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2020/03/ministerio-da-economia-avalia-impacto-economico-do-coronavirus-no-brasil>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

CASTANHO, L. **Na indústria criativa, artesãos estão entre os mais prejudicados pela pandemia.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2020/12/na-industria-criativa-artesaos-estao-entre-os-mais-prejudicados-pela-pandemia.shtml>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

DALGLISH, L. **Noivas da seca: cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha.** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FABRO, N. **Artesãs do Vale do Jequitinhonha moldam o barro com saber ancestral.** Disponível em: <<https://revistacasaed Jardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Decoracao/Detalhes-decorativos/Artesanato/noticia/2020/10/artesas-do-vale-do-jequitinhonha-moldam-o-barro-com-saber-ancestral.html>>. Acesso em: 24 out. 2021.

FAGUNDES, T. C. P. C. Empoderamento feminino: uma abordagem educativa. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 28(2), p. 87-94, 2017.

FELIX, C. **Artesãs do Vale do Jequitinhonha.** Disponível em: <<https://abceram.org.br/artesas-do-vale-do-jequitinhonha/>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

FIDELES, S. **Feira de Jequitinhonha é transposta para o ambiente virtual.** Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/artesaos-do-jequitinhonha-fazem-exposicao-online#:~:text=Devido%20%C3%A0%20pandemia%2C%20um%20dos,Gerais%20e%20de%20Belo%20Horizonte.>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

GERAIS, S. de E. de S. de M. **Boletim Epidemiológico** Coronavírus 19/05/2021. Disponível em: < <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/boletim>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

GERAIS, G1 V. de M. **Cidades do Jequitinhonha e Mucuri têm IDHMs mais baixos de MG**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2013/08/cidades-do-jequitinhonha-e-mucuri-tem-idhms-mais-baixos-de-mg.html>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

GOMES, M. **Vale do Jequitinhonha, uma terra em desenvolvimento**. Disponível em: < <https://www.brasildefatomg.com.br/2019/07/25/vale-do-jequitinhonha-uma-terra-em-desenvolvimento>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

GUEDES, M. **Mulheres ganham 77,7% do salário dos homens no Brasil, diz IBGE**. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/03/04/mulheres-ganham-77-7-dos-salarios-dos-homens-no-brasil-diz-ibge>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

GULLO, M. C. R. A economia na pandemia Covid-19: algumas considerações. **Rosa dos Ventos**, v. 12, n. 3 (Especial COVID-19), 2020. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8758/pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

IEPHA-MG. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. **Dossiê para registro do Artesanato em Barro do Vale do Jequitinhonha**: saberes, ofício e expressões artísticas em Minas Gerais. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais, 2018.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. Trabalho feminino e mudanças na família no Brasil (1984-1996): explorando relações. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 20, n. 2, p. 157-176, 2003. Disponível em: [http://www.rebep.org.br/index.php/revista/article/view/291/pdf\\_272](http://www.rebep.org.br/index.php/revista/article/view/291/pdf_272). Acesso em 18 mar. 2013.

KERGOAT, D. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. In: HIRATA, H. et al. (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. Disponível em: < <https://drive.google.com/file/d/1Jhi9Cbdbn-DCcFyblLmSR44geDQxmMki/view>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

LEÃO, N. et al. Trabalho e vida das mulheres na pandemia. In: CASTRO, B. (Org.). **Covid-19 e sociedade**: Ensaios sobre a experiência social da pandemia. Campinas, SP: UNICAMP IFCH, 2020.

MARINELLI, N. P. Evolução de indicadores e capacidade de atendimento no início da pandemia de Covid-19 no Nordeste do Brasil, 2020. **Epidemiol. Ser. Saúde**, Brasília, 2020, 29(3). Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/ress/2020.v29n3/e2020226/pt>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MARINHO, P. A. S.; GONÇALVES, H. S. Práticas de empoderamento feminino na América Latina. **Revista de Estudos Sociais**, n. 56, abr. 2016.

MASCELANI, Â. **Caminhos da arte popular: O Vale do Jequitinhonha**. Rio De Janeiro: Museu Casa Do Pontal, 2008.

MAZZI, C. **Violência doméstica dispara na quarentena**: como reconhecer, proteger e denunciar. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus-servico/violencia-domestica-dispara-na-quarentena-como-reconhecer-proteger-denunciar-24405355>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

MINAS. **A riqueza das bonecas do Vale do Jequitinhonha**. 2021. Disponível em: < <https://www.minasgerais.com.br/pt/blog/artigo/a-riqueza-do-artesanato-do-norte-de-minas>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

MULHERES, S. E. de P. para as. **Gênero e autonomia econômica para as mulheres**. Caderno de Formação. Brasília: SPM, 2016.

NASCIMENTO, E. C. do. Vale do Jequitinhonha: Entre a carência social e a riqueza cultural. **Revista de Artes e Humanidades**, n. 4, mai./ out. 2009.

NOBRE, R. S.; SULZBACHER, A. W.; LIMA, J. B. Q. **Mulheres e políticas públicas no Vale do Jequitinhonha**. Disponível em: < [https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt04\\_1506902165\\_arquivo\\_mulheresepoliticaspublicasnovaladojequitinhonha.pdf](https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt04_1506902165_arquivo_mulheresepoliticaspublicasnovaladojequitinhonha.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2021.

OFÍCIOS, M. de A. **Aqui, sertão é substantivo feminino**. Disponível em: <<https://www.maos.art.br/ceramica-do-vale-jequitinhonha-mg>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

OLIVEIRA, A. L. M. de et al. Austeridade, pandemia e gênero. In.: DWECK, E.; ROSSI, P.; OLIVEIRA, A. L. M. de. **Economia pós-pandemia**: desmontando os mitos da austeridade, fiscal e construindo um novo paradigma econômico. São Paulo, SP: Autonomia literária, 2020.

ORELLANA, J. D. Y et al. Explosão de mortalidade no epicentro amazônico da epidemia de Covid-19. **Caderno Saúde Pública**, 2020, 36 (7). Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csp/2020.v36n7/e00120020/pt>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

ORGANIZATION, W. H. **Coronavirus disease (COVID-19) pandemic**. Disponível em: < [https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gclid=Cj0KCQjwkZiFBhD9ARIsAGxFX8DR6ZijRal-I5erL8W\\_K4epk-iEXdsZ0W-MhMAX41NtbCnBisHjUwMaAlqAEALw\\_wcB](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gclid=Cj0KCQjwkZiFBhD9ARIsAGxFX8DR6ZijRal-I5erL8W_K4epk-iEXdsZ0W-MhMAX41NtbCnBisHjUwMaAlqAEALw_wcB)>. Acesso em: 20 mai. 2021.

PALES, R. C.; SANTOS, G. R. dos; RODRIGUES, S. G. Minas Gerais, estado síntese do desenvolvimento regional brasileiro. **IV Congresso em Desenvolvimento Social: Mobilidades e Desenvolvimentos**, 2014. Disponível em: < <http://www.congressods.com.br/quarto/index.php/trabalhos-aceites/gt-06-indicadores->

de/171-anais/gt-06/468-minas-gerais-estado-sintese-do-desenvolvimento-regional-brasileiro>. Acesso em: 24 out. 2021.

PINHEIRO, C.; RUPRECHT, T. **Coronavírus: primeiro caso é confirmado no Brasil. O que fazer agora?.** 2020. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-primeiro-caso-brasil/>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

POVO, G. **Governo de Minas Gerais decreta lockdown em 80 cidades.** Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/minas-gerais-lockdown-cidades/>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica - para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação.** São Paulo: Loyola, 2005.

ROCHA, A. **Artesanato em barro do Jequitinhonha é reconhecido como patrimônio imaterial.** 2018. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/artesanato-em-barro-do-jequitinhonha-%C3%A9-reconhecido-como-patrim%C3%B4nio-imaterial-1.680909>>. Acesso em: 14 mai. 2021.

SARDEMBERG, Cecília. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista.** Salvador, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>> Acesso em 13 de Outubro de 2016.

SCHWENCK, B. Mulheres tecendo uma rede solidária em meio à pandemia: reflexões sobre economia e feminismo em tempos de crise e isolamento social. In: CASTRO, B. (Org.). **Covid-19 e sociedade: Ensaio sobre a experiência social da pandemia.** Campinas, SP: UNICAMP IFCH, 2020.

SERVILHA, Mateus de Moraes. **O Vale do Jequitinhonha entre a “di-visão” pela pobreza e sua ressignificação pela identificação regional.** Tese de Doutorado. UFF: Niterói, 2012. 355p.

SILVA, M. L. da . **Economia brasileira pré, durante e pós pandemia do Covid-19: impactos e reflexões.** Observatório Socioeconômico da Covid-19. Universidade Federal de Santa Maria. 2020. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discuss%C3%A3o-07-Economia-Brasileira-Pr%C3%A9-Durante-e-P%C3%B3s-Pandemia.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

SOF. Sempre Viva Organização Feminista. **Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia.** Disponível em: <<http://mulheresnapanademia.sof.org.br/wp->

content/uploads/2020/08/Relatorio\_Pesquisa\_SemParar.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

VALIM, C. **Economia do Brasil sofre com gestão da pandemia e encolhe diante do mundo**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/economia-do-brasil-sofre-com-gestao-da-pandemia-e-encolhe-diante-do-mundo/>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

VIVEJAR. **Conheça a história por trás das bonecas do Vale do Jequitinhonha**. Disponível em: <<https://vivejar.com.br/bonecas-do-vale-do-jequitinhonha/>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

VIVEJAR. **O que não te contaram sobre o Vale do Jequitinhonha**. 2017. Disponível em: <<https://vivejar.com.br/vale-do-jequitinhonha/>>. Acesso em: 24 out. 2021.

UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais. **VII Fórum da Mulher do Jequitinhonha**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/2018/08/27/7-forum-da-mulher-do-jequitinhonha/>>. Acesso em: 21 mai. 2021.

UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais. **Mostra Virtual dos Artesãos do Vale do Jequitinhonha (2020)**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/projeto/mostra-virtual-dos-artesaos-do-vale-do-jequitinhonha/>>. Acesso em: 24 out. 2021.

UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais. **Sobre o Vale do Jequitinhonha. 2018**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/o-vale/sobre-o-vale-do-jequitinhonha/>>. Acesso em: 24 out. 2021.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa de mestrado intitulada “ARTESÃS EMPREENDEDORAS DO VALE DO JEQUITINHONHA:

impactos e desafios do empoderamento feminino e participação social em tempos de pandemia da covid-19”. Meu nome é Jaqueline Pinheiro Neiva, sou a pesquisadora e minha área de atuação é Estado, Governo e Políticas Públicas, na FLACSO – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail (neiva.jaqueline@yahoo.com.br) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (61) 9293-4144.

#### Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, ....., inscrito(a) sob o RG/  
CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “ARTESÃS EMPREENDEDORAS DO VALE DO JEQUITINHONHA:

impactos e desafios do empoderamento feminino e participação social em tempos de pandemia da covid-19”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Jaqueline Pinheiro Neiva sobre a pesquisa de mestrado, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação neste projeto de pesquisa.

....., ..... de ..... de .....

---

Assinatura por extenso do(a) participante

---

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

## APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista

### Apresentação e esclarecimentos sobre a pesquisa. Assinatura do TCLE

#### Informações sobre a entrevistada:

Nome: Idade: Raça: Estado civil: Escolaridade:

É responsável pelo cuidado de alguém? Se sim, de quantas pessoas e quem? (filhos, idosos, etc). Comunidade/ povoado/município de residência:

#### Sobre o artesanato

Qual é o tipo de artesanato que você realiza?

Você poderia contar sua trajetória no artesanato (com que idade você iniciou? Já era uma tradição familiar, ou você é a primeira da família?)

Você já fez algum curso de qualificação ou aprimoramento? Como foi e em que esses cursos contribuíram para o seu trabalho?

Atualmente, você tem algum vínculo com associação ou cooperativa, ou trabalha individualmente, na informalidade?

Como é o seu cotidiano de trabalho?

Você considera que dedica mais tempo à produção ou a venda?

Em algum momento de sua vida parou de trabalhar? (Se sim, qual foi o motivo? Se sim, durante esse momento de interrupção realizou contribuição avulsa ao INSS?)

Como é a composição da sua renda familiar, e qual é a participação da renda proveniente do artesanato? Você tem outra renda além do artesanato?

Quais são as formas de comercialização?

#### Impactos da pandemia

Como a pandemia da covid-19 impactou seu trabalho como artesã? (renda, comercialização, etc)

Quais foram as estratégias utilizadas por você (e pela associação/cooperativa, quando for o caso) para assegurar renda?

Como você concilia suas responsabilidades de trabalho doméstico e de cuidado (por exemplo, maternidade, quando for o caso) com o seu trabalho com o artesanato? Você compartilha essa responsabilidade com alguém? O que mudou nessas responsabilidades com o cuidado durante a pandemia?

**Participação social**

Você participa de algum espaço coletivo de artesãs, ou de movimentos sociais? Se sim, pode compartilhar quais são os objetivos dessa participação?

Como você vê os desafios para o trabalho das artesãs empreendedoras no Vale do Jequitinhonha? O que poderia melhorar?

Como as políticas públicas podem contribuir com esse desafio?